

SKETCH LIFE

Rabiscos, rascunhos e sonhos



192 pages, 15x18cm, acid free paper
made by Fernanda Mujica

SKETCHLIFE

FERNANDA MUJICA



“Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero uma verdade inventada.”

Clarice Lispector

QUERIDO LEITOR,

CASO NÃO ENCONTRE SENTIDO NESSE MATERIAL, SINTA-SE LIVRE
PARA IMAGINAR UM OU, POR QUE NÃO, CRIAR ALGO MELHOR?



SUMÁRIO

Obrigada Thx, Thx, Thx.....	1
Ser.....	3
Madrugada dos mortos.....	4
Foi a cebola.....	6
Meus amores.....	8
Dia no parque.....	12
Bom dia.....	13
Dr Grant, my dear Dr Sattler, welcome to Jurassic Park.....	14
Por que?.....	18
Perdi.....	19
Nem eu, nem tu, são eles.....	21
Meu lugar favorito.....	22
Je suis perdu.....	23
Hades, vim te dar um oizinho!.....	24
Meu jardim secreto.....	27
Salão de beleza.....	29
La Micro.....	31
Penso, logo sou burra.....	32
Deus.....	33

Simple assim.....	34
Animaus.....	36
Terapet.....	37
A hipopótama e a elefanta.....	39
A menina do dedo podre.....	40
Hoje eu não vou sair de casa.....	42
Amor de dois.....	43
Cheia de Arte vazia.....	44
Tower of London.....	45
Cadê.....	48
Tempo mano velho.....	49
Como comecei.....	52
O meu problema.....	55
Porque eu fiz isso.....	56
Queria tanto.....	58
Eu explico.....	60
O que foi que eu fiz?.....	72
A minha lição.....	78
Referencial Teórico.....	84



OBRIGADA THX THX THX.

Obrigada a todos os autores de lindos projetos artísticos nos quais me inspirei. Sem vocês, eu teria escrito uma monografia sobre Marketing.

Obrigada, Pai. Sem seu apoio, eu estaria fazendo Direito no CEUB. Você me ensinou a correr atrás do que eu quero.

Obrigada, Mãe. Sem os seus conselhos, esse trabalho não teria chance. Seu carinho é fundamental na minhas crises emos.

Obrigada, Eduardo, meu irmão. Eu sei que você acredita em mim.

Obrigada, Doisnovemeia. Se eu não tivesse passado por você, eu não seria eu e nem teria amigos.

Obrigada, minhas amigas de sempre: Eline, Raíssa e Renata, que me fazem pensar que, por mais que a gente cresça, continuamos sendo aquelas meninas que brincam de Barbie no jardim e trocam roupas no fim-de-semana.

Obrigada, Pedro Vinícius, você me fez ver que muitas vezes meu texto era ruim e podia melhorar muito, além de me ensinar que atrás não se escreve atrás.

Obrigada, Selma, sem você isso seria um mero diário e eu nunca saberia que ser estranha é bom.

Obrigada, Wagner e Gustavo, apesar do MM em Direção de Artes, vocês são muito mais que professores para mim.

Obrigada, meu antigo namorado. Você terminou comigo e apesar de me sentir um lixo, eu perdi cinco quilos e tive vontade de viajar pelo mundo, conhecer gente nova e escrever.

Obrigada, emprego, que nunca me ligou depois da entrevista. O outro trabalho que apareceu na outra semana era muito melhor e me obrigou a aprender muita coisa nova.

Obrigada, final de semana parado. Por sua causa, fiquei em casa sozinha, liguei a TV e vi aquele filme que eu adorava e não lembrava o nome (e que me inspirou em muitos textos).

Obrigada, noite de trabalho sem dormir. Eu não sabia que produzia tão bem com um olho fechado e outro aberto de tanto sono.

Obrigada, quina da mesa. Quando eu te chutei, lembrei que meu dedinho mindinho existia, tinha me esquecido como ele é pequeno e gordinho. Isso me fez pensar que o simples é legal.

Obrigada, copo de café frio e velho que eu confundi com o meu copo de café. Você me fez apreciar muito mais meu cafezinho da tarde.

Obrigada, preguiça de estudar. Você me fez produzir esse texto.

Obrigada vida, que me mostra que tudo acontece para um bem maior.



SER

Sou bem mais ser a Zooey Deschanel que a Megan Fox
Sou bem mais cheirar a Baunilha que a Channel Número 5
Sou muito mais Ramones que o último Dj da moda
que eu não sei nem o nome.

Sou muito mais dançar feito uma louca que ficar
segurando meu copinho, apática.
Sou quem sempre fala a merda, sou a quem chama pra sair.
Sou quem sempre derruba o suco na mesa e fala caralho
na frente da sua avó, sem querer.

Sou mais escutar música do que dormir.
Sou mais um Diamante Negro que almoçar.
Sou mais ler Calvin e Haroldo que Crime e castigo
Sou muito mais o Homem de Ferro que o Super-Homem.

Sou assim porque é mais divertido.
Sou assim porque senão, eu não seria.



MADRUGADA DOS MORTOS

Às três horas da madrugada, Emily Rose revirou os olhos,
Os espíritos vieram visitá-la quando as portas do Submundo abriram.
Essa hora os espíritos também me visitam.
Não recebo Belzebuth, Lilith ou Bast.

Eu não tenho convulsões, nem falo em Hebraico antigo,
mas um medo me possui e me faz refém.
Parece assustador, mas é algo rotineiro.

Primeiro, chega minha amiga, a ex-modelo morta.
Ela me lembra que ganhei dez quilos e que pareço um pudim.
Ela sabe tudo, até o chocolate que comi escondida, no meu quarto.

Logo, chega o espírito do milionário avarento.
Ele joga na minha cara que eu gastei mais do que devia
e que, provavelmente, esse mês não vou conseguir pagar
minha conta de celular.

Por último, me visita o demônio que mais temo, o mal-amado.
Ele ri na minha cara, faz piada de todos os meus fracassos amorosos.
Ele sabe como estou sozinha e repete palavras cruéis durante toda a
noite.

Os três começam a conversar e decidem que,
sem tirar o sapato, vão entrar na minha cama.
Eles levam meu cobertor pra longe de mim e me deixam com frio.

Isso continua a noite toda, até que mandem que parem.
O despertador ruge em minha defesa.
São sete horas. A luz chegou.
Hora de bicho do mal ir para casa.



FOI A CEBOLA

Enquanto corto a cebola, penso em possibilidades. Tudo que fui, o que não pude ser, como sou e como serei. Minhas emoções se confundem com a acidez e uma lágrima tímida cai.

Aumento o volume da música que toca ao fundo e parto para a carne. Sentir a textura fria enquanto esfrego os temperos é como sentir meu coração. Semi-congelado, esperando ser aquecido. Isso me lembra aquele inverno difícil que passei ano passado.

Um limão, um dente de alho e duas colheres de Shoyo depois, ele está preparado. E eu também. Despejo um pouco do vinho que estava bebendo na panela. Um toque pessoal e, porque não, um ponto final? Deixo cozinhar, mas não conto o tempo. Ligo a luz interna e assisto o frango dourar.

O que tiro do forno é muito mais que jantar pra um. Um prato simples, uma terapia e um resumo da vida. Tudo isso traduzido e interpretado pelo meu olfato. Um cheiro convidativo que me envolve, do jeito que eu estava precisando.

Cozinhar é amor.



MEUS AMORES

Você COMPRA CDs? Isso é a coisa mais estúpida que eu já vi.

Uma vez um amigo me agrediu carinhosamente porque eu estava comentando que tinha comprado alguns CDs no final de semana. Sabe, eu não sou contra a tecnologia, nem um pouco. Eu amo ver documentários sobre a Índia na minha televisão de LCD, usando Sky HD. Juntei horrores para comprar (ajudar meu pai a pagar) meu Macbook Pro e sonho em um dia ter um iPhone com internet 24h por dia pra checar as fofocas em tempo real. Mas a questão dos CDs não é essa.

Comprar CD é um jogo de sedução, sexo, amor e declínio. É muito mais profundo que ai meu deus gastei 80 Reais no Cd da Kate Nash. O ritual começa quando você se arruma e vai até a loja. No meu caso, a Livraria Cultura por questões pessoais (paquerar o carinha da escuta). Eu chego lá, o ambiente é legal, friozinho. No começo, eu fico meio tímido, não sei o que vai acontecer.

Quando vou à loja, não quero figurinha repetida, quero algo novo. Quero conhecer, ver se me descubro. Por isso, sempre começo analisando as capas. Se a gente não pode julgar um livro pela capa, nesse caso é mais do que válido. Parece que todas querem me dizer algo. Algumas são mais insinuas, coloridas, meio anos 80. Outras, tímidas, em tom pastel com um ar blasé. Ai meu deus, quanto opção. O que eu quero? Qual meu clima agora? Quem sou eu? Aquela decisão de repente vira uma questão filosófica. Entre dúvidas existenciais e pensa-

mentos racionais sobre economia financeira (tem CD caro nesse mundo!), eu me deparo com AQUELE CD.

O Mais lindo mundo. Meu coração vai TUM TUM TUM. Ele é perfeito. Não é extravagante demais, nem sem graça, não é barato demais nem caro também. Ele pode ser o CD ideal da minha vida. Muito nervosa, coloco ele na escuta pra saber se, além da beleza, ele tem conteúdo. Esse primeiro contato, não dá pra conhecer direito. Mas, pelas batidas e o jeitão, eu sei que vou gostar. Vou ao caixa e pago.

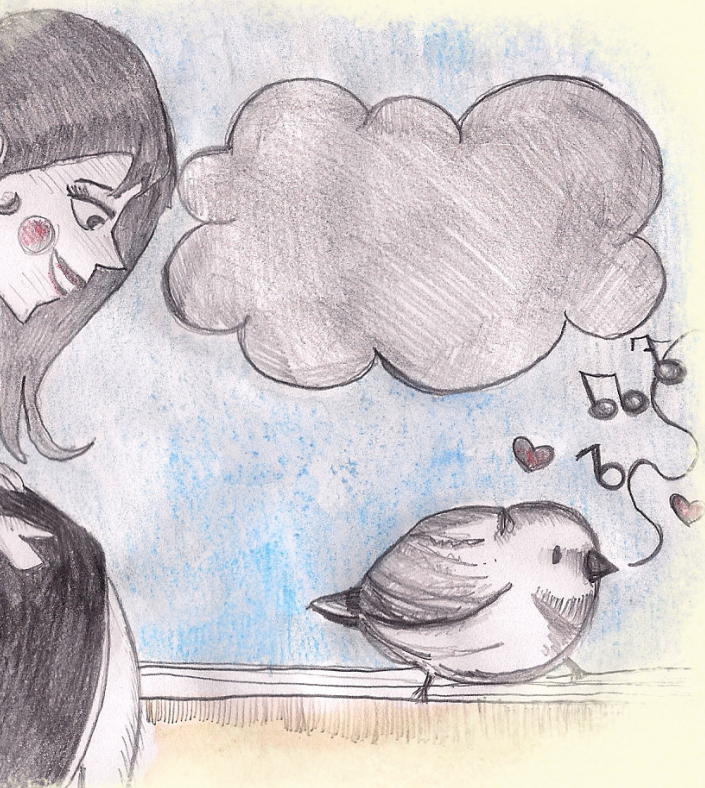
Aí o relacionamento começa. Agora eu estou com vontade, quero ouvir o CD todinho. Passo dez minutos tentando abrir a embalagem de plástico, morrendo de vontade, e, depois, desisto de ser legal e rasgo ela com a chave do carro. Coloco o CD novinho no som do carro eeeeeeee... Presto atenção. Era aquilo que eu queria? Que estranho. Eu tento me acostumar, aquilo é diferente. Excitante, mas diferente.

No começo, fica sempre aquela dúvida, se ele é bom, se ele é ruim, o problema é comigo?, mas depois aprendo o ritmo, a letra. Daqui a pouco, começo a cantarolar as minhas músicas preferidas. Quando menos espero, o CD me conquistou e virou meu preferido. As músicas não saem da cabeça. Você leva o CD do carro pra casa, da casa pro carro. O encarte fica gasto de tanto eu procurar por detalhes escondidos. Graças a deus comprei você, meu precioso. Chega um ponto em que aquilo vira uma obsessão. Meu irmão entra no carro e reclama Ai meu Deus, esse CD de novo, vou vomitar se você não trocar.

Quando começo a achar que tenho tudo na vida pra ser feliz, ele chega. O pior sentimento do mundo. Eu simplesmente enjoô do CD.

Aquelas palavras que antes me deixavam no melhor humor do mundo agora parecem me enojar. Eu não aguento mais escutar aquilo. O CD me dá raiva! Tudo que ele faz me dá raiva. Eu guardo ele na minha coleção e programo uma nova volta à loja, para buscar um novo companheiro. Talvez, depois de um bom tempo, aquele CD apareça de novo na minha vida, quando eu estiver em outra fase, mas por enquanto, vida nova.

Comprar CDs é amar, é experimentar e se deixar levar. É muito mais que uma questão material. Então, caro amigo, eu te respondo: você não compra CDs? Essa é a coisa mais triste que eu já vi.





DIA NO PARQUE

Gosto de me perder num parque verde, cheio de flores, folhas no chão e cheiros que me lembram momentos. Gosto de caminhar pela grama, como quem não quer nada. Chutar uma folha e ver ela voar pra longe.

Gosto do vento que me deixa com cabelo de louca, mas me faz me sentir leve como se levasse embora tudo que é ruim. Gosto do solzinho, que mesmo em um dia de frio, me abraça com um abraço de amigo.

Gosto de brincar de adivinhar o nome das plantas e de me perguntar como serão suas flores na primavera. Gosto de caminhar, vendo os casais se beijando, as crianças brincando de correr, e o senhores dando pão para os pombos.

Gosto de escutar música enquanto isso. Uma trilha sonora perfeita para o momento perfeito. Gosto desse passeio porque ele me faz pensar na vida. Em momentos de felicidade nas coisas mais simples. Gosto disso.



BOM DIA

Abro os olhos de manhã. Continua fazendo 20 mil graus abaixo de zero. Meu pé está tão frio que, se colocar na água, ela vira gelo. Mas, por algum motivo, eu me sinto mais quentinha. Levantar não parece mais uma tortura. Minha primeira frase do dia não é "eu odeio a minha vida". Hoje, eu não vou colocar o snooze 12 vezes até desistir e depois faltar aula para ficar dormindo até meio dia.

Levanto com fome e como duas torradas com manteiga. Pela primeira vez em muito tempo, passo maquiagem. Nossa, nem lembrava que eu podia ser bonita.

Saio de casa para ir à Universidade. Normalmente, eu acharia aquele caminho tedioso e cansativo. Mas, na companhia de um iPod abastecido com o melhor da música animante, o trajeto da caminhada de 30 minutos até que fica divertido. Danço de leve quando não tem ninguém olhando.

O bafo quente que sai do metrô não me dá vontade de sair correndo e gritando, muito pelo contrário, ele me abraça no dia frio. As pessoas, hoje, estão mais humanas e um menino até se levanta para que eu possa sentar. Lindo.

Me pergunto o que mudou. Como minha vida pode mudar tão rápido de merda de cachorro para perfume de princesa? Acho que o luto passou. Decido voltar a viver, porque ela está aqui, ela chegou.

Oi, vida. Senti saudades...

DR. GRANT, MY DEAR DR. SATTLER. WELCOME TO JURASSIC PARK.

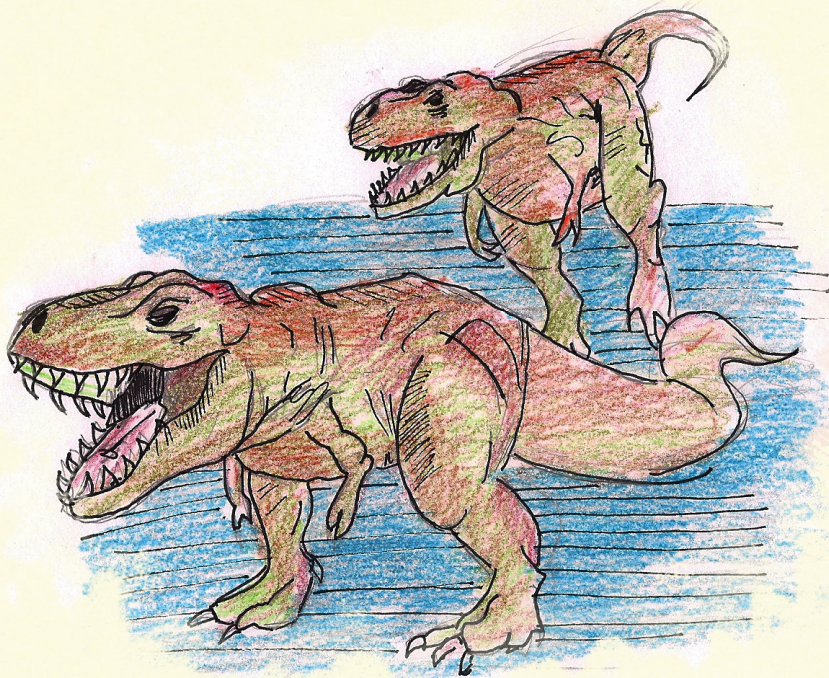
Quando eu tinha seis anos eu queria ser paleontóloga. Meu filme favorito era Jurassic Park e eu desejava mais do que tudo sair para os desertos americanos em buscas dos restos de Velociraptores, Brachiosaurus, Hadrosaurus, e Stegosaurus. Se um cientista cheio da grana me procurasse pra participar de um parque com dinossauros vivos, melhor ainda. Eu seria a melhor na minha profissão, afinal de contas, eu sabia o nome de todos os dinossauros do filme e sabia também o mais importante: ao ver um Tiranossauro não se mova, ele enxerga muito mal. Ao ver o Velociraptor, corra para a vida!

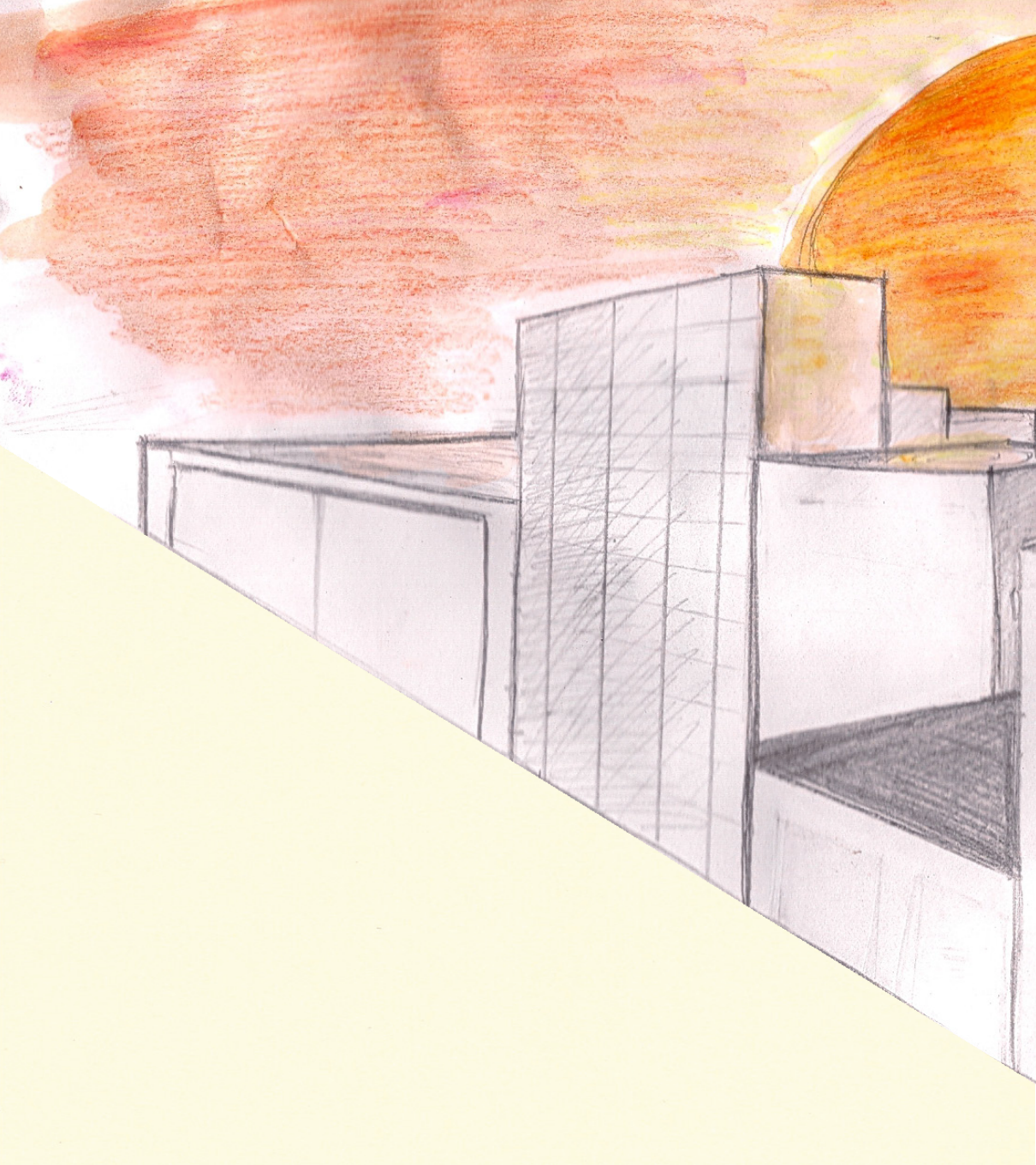
Depois eu cresci e vi que a vida não era bem assim. Para ser Paleontóloga eu não deveria ter nascido no Brasil. Com quatorze anos eu decidi que queria ser jornalista, para poder escrever para a Super Interessante. Toda vez que eu via aqueles infográficos maneiros cheios de meleca, sangue e cocô eu pensava que queria fazer parte daquilo.

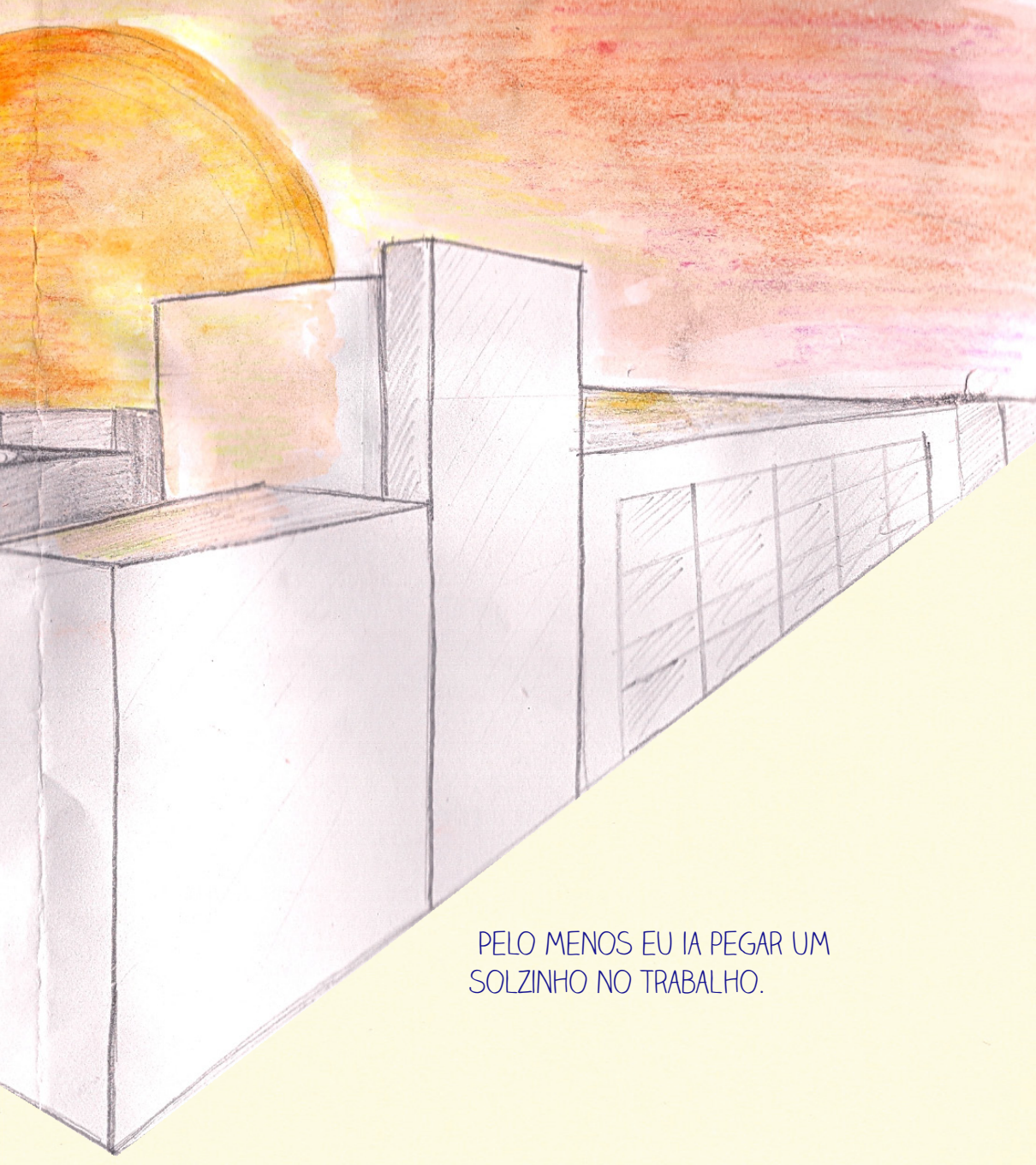
Quando chegou o ano de escolher o curso para o vestibular eu já sabia que jornalismo não era pra mim. Assim, eu nunca tive vontade de mudar o mundo, nunca gostei de Política, nem de Economia e nunca curti roupa de linho. Mas todo mundo me dizia que eu deveria trabalhar com comunicação. Aí veio a Publicidade. Eu não sabia como funcionava, nem o que um Publicitário fazia de verdade.

Apesar de eu achar muito interessante entender a mente do cliente, pensar em um conceito, abstrair, viajar e voltar, eu não me vejo trabalhando em uma agência com meus 30 anos. Ficar virando noite, refazendo campanhas e provavelmente ser obesa. Sei o que gosto, mas não sei se amo. Sei o que amo, mas não sei se consigo fazer. O pior que todo mundo é assim, ninguém sabe o que quer. Ou você continua no seu curso e se descobre mais tarde, ou faz como a metade do mundo: joga tudo pro alto e vai estudar pra Medicina. Como eu não posso ver sangue, acho que tenho que seguir a primeira opção.

Às vezes eu acho que não queria trabalhar em nada. Quero escrever música, um livro, virar rockstar, vender bijuteria na praia, ser surfista, dormir o dia inteiro. Eu acho que deveria ter seguido meu sonho e virado Paleontóloga. Pelo menos eu ia pegar um solzinho no trabalho.







PELO MENOS EU IA PEGAR UM
SOLZINHO NO TRABALHO.

PORQUE?

Quando você sai de casa, está uma gata. No primeiro espelho, parece um ET gordo e com a maquiagem mais borrada que o Roberth Smith do The Cure.

O menino que você ama gosta da sua amiga e o que te ama é feio.

Você acha que está dançando igual à Beyoncé, mas, na verdade, parece um macaco epilético.

Você acha que está bebendo normalmente e, quando vê, está tirando a blusa e cantando "All by myself".

Você pensa vou comer só uma saladinha hoje e, no final, acaba comendo um leitãozinho à pururuca e um pote de doce-de-leite de sobremesa.

Você aluga uma animação pra ver com seus pais e ser de boa, e mesmo assim acontece um sexo animal no desenho.

Você está morrendo de sono e, quando deita na cama, não consegue parar de pensar numa música muito tosca e nunca mais dorme.

Você conhece um cara maravilhoso, ele é gay.

Você experimenta uma blusa que te deixou linda. Quando põe ela em

casa, é a coisa mais feia do mundo. E o pior, você jogou a etiqueta fora.

Para não se perder, você imprime o mapa no google maps. Quando está no meio do caminho, percebe que esqueceu o mapinha e o seu celular.

Você vai pintar uma unha e borra a última. Quando vai repintar ela, borra outra e acaba tirando todo o esmalte.

Você, antes de sair de casa, vai dar comida pro cachorro. Ele te ataca e você tem que mudar seu outfit.

Você acha que a roupa que a Carrie usou no Sex and the City vai ficar fofa em você e descobre que ela só fica bem na Carrie e você parece uma bailarina hipopótama.

Você acha que escreveu um texto incrível e manda pra todo mundo ler. Quando vai reler percebe que escreveu apse e não ápice, atrás e não atrás.

PERDI

Perco a cabeça
Perco a razão
Perco o argumento
Perco o amor
Perco A Gente.

Perco o juízo
Me perco na vida.

Perco a alegria
Perco a fome
Perco a vontade

Percebo que te perdi.



NEM EU, NEM TU, SÃO ELES

Eu reclamo do político corrupto, mas eu estaciono na vaga de deficiente.

Eu estou de dieta, mas quando ninguém olha, como chocolate.

Eu adoro correr, mas prefiro ficar parada, vendo televisão.

Eu não bebo, mas final de semana eu encho a cara.

Eu não falo mal de ninguém, mas se a pessoa merece, tudo bem.

Eu acredito no amor, mas sou sacana com todo mundo.

Eu amo a minha família, mas tudo que desejo é estar longe.

Eu tenho que estudar, mas estou aqui, escrevendo.

E assim eu vivo, dizendo o que faço, fazendo o que eu não digo.

MEU LUGAR FAVORITO

Eu Já fui a Paris, tomei vinho e visitei o Louvre.
Estive em Londres e me molhei com os pingos de chuva.
Na Holanda, senti o toque macio das tulipas de verão.

Já fui ao Peru e conheci o Sol sagrado dos Incas.
Já esquiei na neve branca do Chile
enquanto o vento frio beijava meu rosto.

Eu vou e volto e vou de novo,
Mas nenhum lugar é igual ao
meu lugar favorito.
Onde me sinto em casa.
dentro dos seus braços, em um
abraço apertado.

A minha casa é onde está meu
coração.



JE SUIS PERDU

Hoje na aula de francês, aprendi o verbo Devoir, dever.

Eu aprendi o que já sei há muito tempo.

Muito mais que conjugar, eu vivo.

Eu sei que devo ser uma boa filha, uma boa menina.

Que devo estudar e que devo ter um futuro brilhante.

Devo ir à igreja e fazer trabalhos sociais e devo conhecer gente do bem.

Isso tudo porque devo casar e ter filhos.

Quando tiver filhos, devo dar tudo do bom e do melhor pra eles.

Conjugué o verbo junto com o professor em voz alta

Eu conjugo ele durante os anos.

Na infância, no amor e provalmente na velhice.

Espero que amanhã o professor me ensine o verbo Vouloir.



HADES, VIM TE DAR UM OIZINHO!

Os portões do inferno se abrem. E estou no estacionamento do Shopping. Eu tenho traumas terríveis causados por esses escuros submundos do ódio. Tudo começou quando eu tinha acabado de tirar a minha carteira de motorista. Se você chama o que eu fazia de dirigir, você é cego. Eu praticamente fechava os olhos e rezava pra chegar no destino sem matar ninguém, nem me matar.

Chamei as amigas pra irem almoçar comigo no Brasília Shopping. Comemos e foi lindo. Até que chegou a hora de ir embora. Eu estava toda feliz indo para a saída do estacionamento quando vi O TAMANHO DA RAMPA PRA SAIR. AIMEUDEUS! Eu ia ter que escalar o Everest no meu Ford Ka 1.0. E agora? Como eu era mega novata, achei razoável passar a marcha no meio da ladeira e o carro (é claro) morreu e desceu na maior velocidade. O pior foi que eu congelei e fiquei sem saber o que fazer com cara de pastel enquanto minha amiga gritava AGENTEVAIMORRER. Sorte minha que não tinha ninguém atrás. Eu fiquei com tanto medo que pedi pra minha amiga tirar o carro do estacionamento. Até hoje, tenho tanto medo daquela rampa que engato a primeira e saio cantando pneu pra nunca mais fazer o mesmo erro.

Depois dessa experiência traumática, eu inventei o ritual do estacionamento. Quando a luz do sol some, ela dá espaço pra minha transpiração excessiva. Eu começo a suar feito um operário de obra, só de pensar o que me aguarda. O passo um, então, é fechar o vidro do carro e ligar o ar no 4. Outro ponto importante é desligar qualquer música que estiver escutando. A concentração tem que ser total agora.

Ótimo, entrei! Mas peraí, cadê o ticket? Cadê a merda do ticket? De novo não! Onde eu coloquei? Chega a hora de encostar o carro e se jogar pra todos os lados

procurando aquele papel imbecil. Você acha tudo que tinha perdido na sua vida, menos aquela merdinha branca. Você acha até aquele brinco que perdeu na quarta série, mas o ticket que é bom nada. Quando você desiste e está quase indo falar com o fiscal do estacionamento, você percebe que ele estava o tempo todo no seu colo.

Vamos estacionar o carro. Cara, por que essas vagas de estacionamento têm que ser tão pequenas? É simplesmente impossível parar o meu carro nelas. Eu tenho duas opções então. Ou eu paro naquela vaga no fim do mundo que ninguém quer ou eu paro na vaga pra idosos, que é mais larguinha. Eu não sou idosa, mas pra aliviar a minha culpa eu penso que o idoso com certeza dirige melhor que eu. Se eu tiver num dia muito humanitário, eu paro na vaga no cu de Judas e faço a peregrinação pro shopping.

E quando não existem essas opções? Eu provavelmente fico 40 minutos tentando estacionar reto numa vaga normal e acabo ocupando duas vagas... E quando eu consigo estacionar dentro das linhas, eu fico em êxtase. É, tipo, lindo. Já até tirei foto uma vez! É uma sensação mágica, dá vontade de sair do carro e dançar a dança do estacionamento perfeito.

Você do carro e pensa. Realmente estou perto do inferno. O calor toma conta e a sua cara derrete. Até logo, maquiagem linda que você demorou 20 minutos fazendo. Você entra no shopping parecendo um boneco de cera.

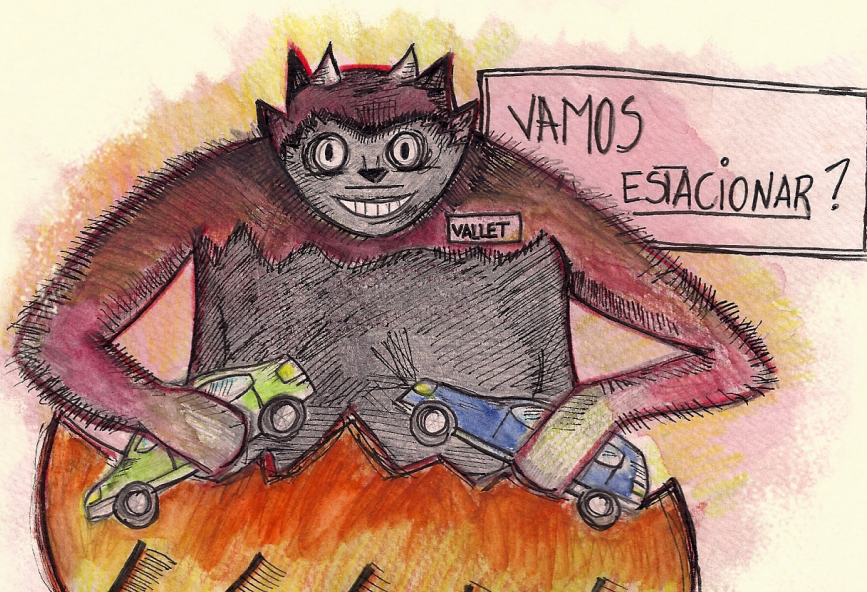
Aí, é só alegria: comer, cinema, comprar o que quiser. Doze horas depois, chegou a hora de ir embora. Vamos pagar o estacionamento no lugar mais próximo de onde eu parei. ONDE EU PAREI? ai meu Deus! Terror e pânico. Não, foi do lado da livraria, certeza! Pago o ticket (6 reais por hora, 12 horas = meu salário do mês) e saio pela porta automática (odeio portas automáticas, um dia elas vão me esmagar) e quando eu

vejo... tchadaaaaam. O meu carro não está ali. Lembrei! Foi do outro lado do shopping, no andar de cima!

Você tem 15 minutos. Na sua cabeça, toca a música do Missão Impossível, afinal de contas, você está segurando doze sacolas e acaba de ver aquele garoto chato que sempre quer falar com você do outro lado do corredor. A solução é correr pra vida. Correr mesmo, tipo maratona. Você não está nem aí se meteu a sacola na cara de um bebê, se empurrou uma velinha, se o garoto mais gato do mundo te viu naquela situação, você **SÓ QUER CHEGAR A TEMPO.**

Finalmente você vê o seu carro! UFAAAA. Entra, liga o ar. Tira o sapato (porque você resolveu cortar caminho pela grama e pisou numa lama de barro). Tateia o bolso e pensa:

CAAADÊEEEE A MERDA DO TICKETTTTTT?



MEU JARDIM SECRETO

Lá em casa tem um jardim. Dele saem insetos do tamanho de rinocerontes. Eles entram pela janela e não me deixam dormir, fazem barulhos com as asas. ZuuuuuzuzuzuzuzzZzzzzzzzzz.

Meu jardim também é a casa de centopéias, que gostam da humidade do banheiro e grudar na minha toalha, para quando eu tiver saindo do banho, ter uma surpresa.

Lagartos, cobras, tatus, gambás, mariposas, corujas, minhocas, tudo isso tem. Também tem passáros, que cagam a varanda e insistem em bater contra a porta de vidro.

Eles que me acordam tão cedo com seu canto feliz, todos em conjunto. O canto que me lembra que eu tenho um jardim. E que lá, tudo é verde.

Lá eu posso colher frutas e, acompanhada do meu cão, sentar embaixo da árvore e ler. Lá eu posso tocar a grama com as minhas mãos e sentir como a Natureza é perfeita.





SALÃO DE BELEZA

Ir ao salão de beleza é um ritual necessário, porém, doloroso. Eu, particularmente, odeio ficar horas naquele lugar quente e chato. Primeiro, porque provavelmente vai estar passando algo na TV muito tosco como Casos da Vida Real ou Ana Maria Braga e sim, você vai ter que escutar a opinião de cada pessoa do ambiente sobre o caso Isabela Nardoni ou sobre a tragédia da vez. O pior é que você finge que não tá prestando atenção e pega uma revista pra ler, mas.. “ó não, estou lendo uma revista Manchete de 1986!”. Tá, tudo bem. Você continua vendo aquelas fotos de quando a Xuxa namorava o Ayrton Sena, só assim ninguém fala com você.

Quando você acha que tudo passou e até que está tranquilo, a Manicure te pergunta: E os namorados? Ai Meu Deus, por queeee? Assim, sem preconceito nem nada. Eu não gosto de conversar sobre a minha vida pessoal nem com os meus amigos, porque eu deveria confiar meus sentimentos pra pessoa que me conhece pelas cutículas? Eu sempre respondo o mesmo: beem. (cof cof né)

Ainda considero a parte social a melhor do processo. O embelezamento é custoso. É, amiga, a transformação Ogro pra princesa tem custo e não é só financeiro. Vamos começar pelo próprio cuidado com as unhas. Quantos bifes me deixaram aleijada por uma semana! Como uma pelezinha pode doer tanto? É só ela arrancar a parte errada e chuá!, começa a menstruação pelo dedo.

Não, e depilar.. o que é aquilo? A mulher te vê pelada! Eu nunca entendi a hipocrisia de você ficar de calcinha se ela puxa tanto pra lá e pra cá. Ela vê tudo de qualquer forma. O que mais me incomoda (a dor) é o papo sobre qual lado seus pelos nascem e qual a textura deles. Credo, quem quer saber isso? Como se eu fosse usar i

isso pra iniciar uma conversa num encontro. Oi, gato, meus pelos nascem pra direita.

Lisinha e com os cascos prontos, vem a crise do cabelo. Puxar o cabelo até o seu coro cabeludo ficar vermelho. Que divertido! No final você sempre fica ansiosa pra chegar em casa e arrumar a franja. Não sei porque elas adoram uma franjinha de Maria do Bairro. Por mais que você seja clara em relação ao desejo de uma franja normal, você sempre acaba saindo com um toldo para os olhos. O pior é que todo mundo tem vergonha de admitir a merda que ficou e vai pra casa se escondendo de qualquer ser que apareça.

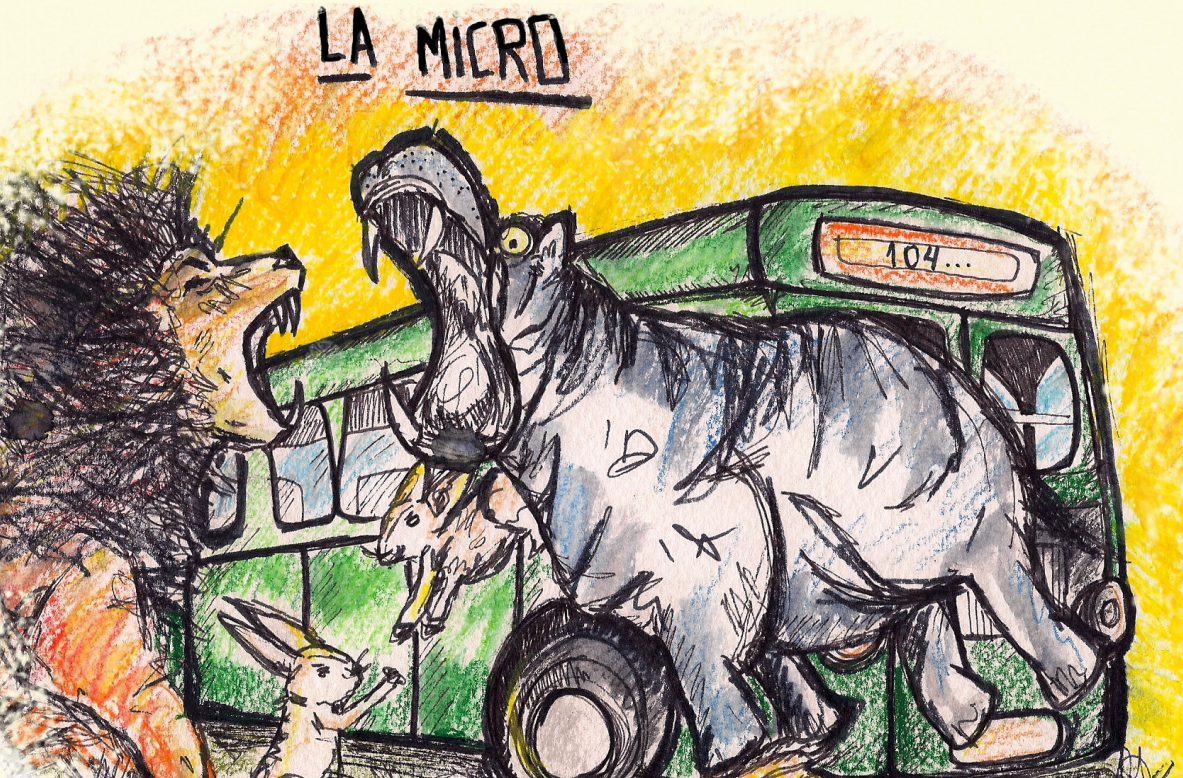
Cortar então é pior ainda. Dois dedos significa: raspa meu cabelo e me deixa careca, por favor. Com camadas significa: raspa meu cabelo e me deixa careca, por favor. E raspa meu cabelo quero mudar significa: faça um corte tosco de Chitãozinho e Chororó. Você distraída lendo "O casamento de Luisa Brunet" na Revista Caras não percebe e, quando olha pro espelho, quase tem um infarto. Uma vez, quase perguntei quanto era pra por um aplique, ou pra colar de volta, ou sei lá, pra comprar um pote de veneno pra rato na lojinha do lado.

Por último, a sobancelha. Olha, quem gosta de Sobancelha de travesti é travesti. Pra que tirar tanto? E qual a necessidade de me maquiarmos igual a uma puta indo pra festa só porque fiz a sobancelha? Eu não ando com demaquilante na bolsa. Vou ter que ir pro trabalho meeeeeesmo com essa sombra azul ?

Mesmo assim, depois da tortura psicológica e física, você se olha no espelho e pensa: Nossa, como estou bonita. Realmente, Ir ao salão de beleza é um ritual necessário, porém doloroso.

LA MICRO

As portas do ônibus se abrem.
Os leões atacam os hipopótamos.
Os hipopótamos pisam nas lebres.
As lebres saltam os leões.
Você tenta sobreviver,
Chegar sem mordidas nem arranhões.
Mais um dia na selva de pedra.



PENSO, LOGO SOU BURRA

Quanto mais eu sei e mais eu estudo, mais eu vejo o quanto eu não sei nada.

Eu gostaria de poder explicar pro Timão o que são as estrelas no céu e como o vaga-lumes funcionam.

Gostaria de saber rezar o credo. Gostaria de pintar um quadro renascentista e saber a tabuada do 9 sem usar as mãos.

Eu quero falar Francês, Italiano, Alemão e Holandês.

Quero acreditar que um átomo existe e quero saber o que fazer se uma cobra me picar.

Eu tenho pressa parar aprender tudo isso, mas agora não dá. Vou ter que estudar pra prova de amanhã.

DEUS

Se Deus fosse humano, ele seria homem ou mulher?

Sua pele seria de cor clara ou escura? Ele se preocuparia com o seu cabelo?

Se Deus tivesse um nome ele se chamaria William, Bach, ou Sebastião?

Ele seria um cara interessante ou mataria as pessoas de tédio?

Qual seria seu programa favorito? CSI ou a novela das 8?

Ele atacaria a geladeira no meio da noite porque tem uma prova no dia seguinte e se sente nervoso?

Eu me pergunto se Deus ligaria pros pais todos os dias.

Será que ele iria a missa aos domingos?

Mesmo aquelas que procederam um sábado de festa?

Ele andaria de ônibus para poupar o meio ambiente?

Se Deus fosse humano ele seria Advogado, Matemático ou Comunicador?

Ele escutaria AC/DC, Metallica e Iron Maiden?

Será que ele perderia tempo e acordaria meio-dia em uma quarta-feira?

Ele leria Harry Potter, Paulo Coelho ou Proust?

Ou não leria nada. Seria ele analfabeto?

Ele escutaria todas as preces? Ajudaria uma senhora a atravessar a rua?

Ou perderia esse tempo todo checando o perfil de alguém no Facebook?

Ele comeria um Cheddar Mcmelt ou apenas salada e batatas?

Se Deus fosse humano, ele acreditaria em Deus? Ou em Jah, ou Alá ou Shiva?

Acho que ele pensaria: Imagem e semelhança, hahaha.

SIMPLES ASSIM

Quem precisa de terapeuta se existe a música? Ou de televisão se existe o mar.
Quem precisa sair pra comer em restaurante caro, se com as minhas próprias mãos
eu posso plantar, colher, temperar e cozinhar?

Eu não preciso de um príncipe, nem de carruagem. Eu não quero o complicado.
Eu preciso de você, assim como é, sorrindo e cantando aqui do meu lado.
Te chamar de queridinho, meu amigo, meu amor, meu amado.

Troco tudo que tenho, minhas roupas, minhas jóias, meu dinheiro,
por um dia de sol, um toque de brisa, um cheiro de grama.
Uma hora sentada, lendo um livro na sombra do abacateiro.
Porque quando estou em paz, eu amo a vida e ela me ama.





SOL
AMIGO

ANIMAUS

Eu sempre adorei animais. Quando criança colecionava besouros, tinha uma São Bernardo chamado Youle, Um cágado chamado batatinha, 2 tartarugas de aquário, chamadas Serrinha 1 e Serrinha 2. Tinha também duas iguanas, o Jack e a Rose (depois descobriram que as duas eram machos, mas o nome continuou), galinhas, um aquário, um porquinho da índia e por aí vai... Mas um animal de estimação me tocou muito. Há uns dois anos atrás ganhei de dia dos namorados o presente mais inesperado possível. Ela veio numa gaiolinha com uma fita vermelha. Uma hamster branquinha, super fofa, parecia uma a bolinha de algodão. Dei o nome dela de Maria Madalena, não sei o porquê até hoje. Talvez porque eu tivesse visto o filme O código da Vinci há pouco tempo.

Maria Madalena era como uma filha pra mim. Eu queria que ela ficasse no meu quarto, mas depois eu descobri que ela era um animal noturno. Ela acordava quando eu ia dormir e ficava rodando naquela rodinha. O Barulho era insuportável. Mudei meu bebê pra varanda. Eu brincava com ela todo dia, Levava pro jardim, fazia labirintos na minha cama com o lençol pra ela brincar, colocava ela no focinho da minha Labrador pra ela sentir o perigo, fazia filmes, colocando meus bonecos de corda pra correr atrás dela. Levantava ela e ela ficava chutando o ar, parecia um filme de Kung fu.

Um dia ela me deu o maior susto. Eu fui à gaiolinha dela buscá-la pra brincar e ela estava com uma das bochechas super inchada e parecia dura. Eu pensei logo que ela tinha caído do quarto andar de sua gaiola e se estabanado toda. Corri e chamei a minha mãe, chorando, pra levá-la ao hospital. A Minha mãe não queria ir porque era o último episódio de Lost, mas eu chorei tanto que ela cedeu e levou eu e a minha ratinha, na clínica veterinária 24h. Quando eu cheguei lá e expliquei a situação o médico sorriu e me explicou que todo hamster acumula comida nas bochechas para comer depois. Eu fiquei

aliviada e a minha mãe ficou muito brava. Ele nem cobrou a consulta.

Como toda a mãe eu tinha preocupações com meu filhote em relação a comida. No pacote de ração estava escrito para colocar 100 gramas todos os dias, mas quando fui botar a primeira vez achei que era muito pouco e todo dia eu enchia o potinho de sementes saborosas. A escola me ocupou muito no final do ano e eu quase não brincava mais com ela. Um dia resolvi levar ela pra passear. Quando coloquei a mão na sua casinha peguei uma bolinha com um diâmetro gigantesco. Eu tive que tirar o telhado da casinha para ela passar. Estava obesa como uma criança americana! Corri na pet shop e me informaram que não existia ração diet para hamster.

Comprei uma casinha pra chinchilas porque a roda de correr era maior e ela poderia correr (naquele ponto ela prendia na rodinha). Foi a pior coisa que eu podia ter feito. Ela correu, e como era muito sedentária sofreu um ataque cardíaco e morreu.

Foi tudo muito triste. Eu gostava muito daquela ratinha. Na tentativa de substituí-la comprei um peixe, o Bobpeixe, mas ninguém me informou que a água do aquário deveria ser trocada, então ele morreu também. Ainda Bem que não sou eu que tomo conta do cachorro.

TERAPET

- Doutor, eu já não sei mais o que fazer. Preciso da sua ajuda, preciso conversar.
- Estou aqui pra isso. Me conta, o que está te preocupando?
- É a minha família, Doutor. Eu entro em casa e parece que ninguém me quer ali. Eles me olham tão decepcionados, quase me recriminando.
- Hmmm. O que mais acontece?
- Ahhh. A comida é horrível. Todo dia, a mesma coisa, o mesmo gosto. E isso, só a minha. Outro dia, meu irmão estava comendo um chocolate e não quis me dar nem um pedaço.
- Tem também a indiferença. Às vezes, alguém fala comigo super alegre, passa a mão na minha cabeça, conversa comigo, mas tem dias que o pessoal passa reto e finge que eu nem estou ali.
- E como você se sente em relação a tudo isso?
- Me sinto tratado como um cachorro.
- É. Parece que temos um problema. Você vai precisar de um tratamento sério, afinal de contas, você é um cachorro. Que fala! E ainda por cima, está num psicólogo pagando 200 reais a hora.



A HIPOPÓTAMA E A ELEFANTA

-Meu sonho é ser Miss, Disse a hipopótamo para sua melhor amiga, a elefanta.

-Nossa que bom! Por que você não se inscreve pro concurso que vai acontecer agora?

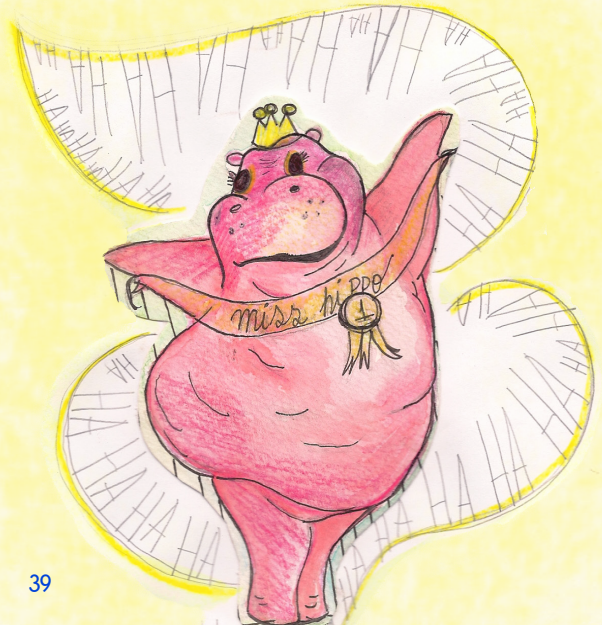
-Você acha que eu sou capaz? Perguntou a hipopótamo.

- Claro. Você é uma pessoa muito boa, ajuda a todos, é gentil, honesta, nunca fez nada de errado. Eles verão o quanto você é especial!

A hipopótamo, convencida de seu potencial, fez a sua inscrição.

Na primeira etapa, ela foi eliminada, os juízes afirmaram que ela era gorda demais pra ser Miss.

Moral da história: Beleza interior é coisa de gente feia.



A MENINA DO DEDO PODRE

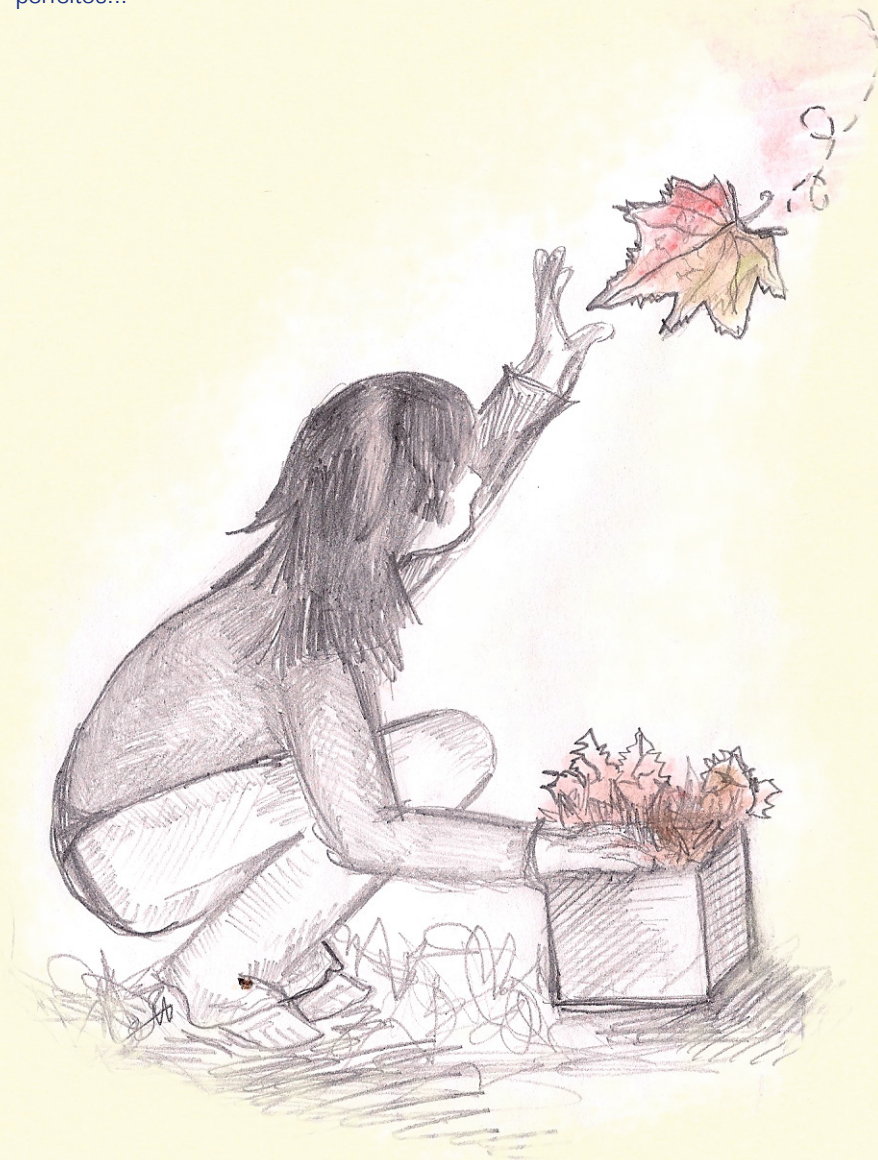
Midas era um cara legal, todos queriam ser seu amigo. Tudo que ele tocava virava ouro. Ele tinha uma mesa de ouro, uma cama de ouro, um cachorro de ouro. Seu dom era um privilégio. Até mesmo quando, por acidente, ele transformou sua própria filha em ouro as pessoas o aplaudiram. Ela era uma chata e ninguém aguentava seus desaforos. Pelo menos assim, ela foi útil. Virou a estátua da fonte do reino.

O menino do dedo verde, que nasceu na França dentro da mente do escritor Maurice Druon, nunca tinha saído de casa. Quando o pai decidiu que ele iria para a escola no mundo exterior, ao invés de ser vítima de bullying como toda criança estranha que não sai de seu quarto, ele foi celebridade número um da cidade. Com seu polegar mágico ele fez o trabalho que nenhum governo consegue e salvou a cidade do desmatamento, queimadas e lixo, presenteando-os com lindas árvores floridas.

Eu tenho uma amiga que com ela não é bem assim. Como aquele X-Men que tem um poder que, ao contrário de ajudar, só atrapalha (Jubileu com sua capacidade de destruir todos os eletrônicos e fazer seu chuveiro queimar no meio do seu banho quente, ou a Vampira que não pode nem beijar seu namorado sem transformá-lo em uma caveira) ela não foi beneficiada pelo seu dedo mágico. O que acontece é o seguinte: com um toque ela transforma o menino mais interessante, bonito e inteligente no mais perfeito traste.

Seu dedo podre aponta e ela fala: Estou apaixonada por aquele. Em questão de minutos milhões de histórias inacreditáveis vêm a tona. Ele maltrata animais, ele não sabe ler, ele não quer namorar nem por mil reais, ou ele tem namorada e mesmo assim dá mole pra ela, ou porque não: ele é gay. Minha amiga não aceita seu fardo e ainda

insiste. Depois de horas esperando, momentos jogados fora e expectativas que nunca condizem com a realidade, ela desiste. Seu dedo podre não tem jeito. Eles eram tão perfeitos...



HOJE EU NÃO VOU SAIR DE CASA

Eu não acredito que vou ter que abrir os olhos

Depois, eu vou ter que entrar no banho

A água vai bater na minha cabeça e me obrigar a secar os cabelos.

Depois, eu vou ter que sair de casa.

E se eu encontro alguém no metrô, e se é o amor da minha vida?

Eu vou ter que conversar, paquerar, trocar telefone e depois ligar.

Chegar no trabalho vai ser insuportável. Provavelmente, eu vou criar alguma coisa.

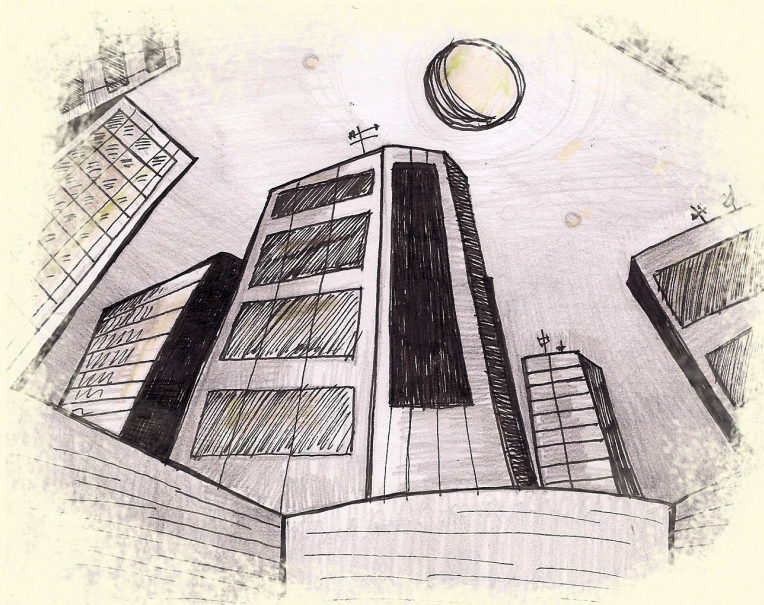
Meu chefe vai chegar, me dar os parabéns, talvez um aumento.

Eu vou ter que sorrir pra ele. Só de pensar, meus músculos da boca doem.

Que preguiça. Depois, eu vou voltar pra mesma cama que estou agora.

Não tem o porquê de me levantar. Acho que eu vou ficar aqui mesmo.

Sonhar que estou vivendo, que dá menos trabalho.



AMOR DE DOIS

Ela diz que quer sair, conhecer um restaurante novo.

Ele quer ficar em casa, comer Miojo com ovo.

Ela quer opinião sobre a cor de seu vestido.

Ele faz um comentário, sem muito sentido.

Ela quer o tempo todo, ficar colada.

Ele quer dormir e não ter que pensar em nada.

Ele quer sair pra andar de bicicleta.

Ela nunca quis, nem vai ser atleta.

Ele diz que de arte não entende.

Ela acha que se ensinar ele aprende.

Ele diz que ela não se cala.

Ela fala, fala, fala.

Ela diz que ele é muito nervoso

Ele diz que é sempre carinhoso.

Dizem e fazem, mas se amam de verdade.

Mesmo com os problemas, a diferença de idade.

Posso dizer sem medo e seguramente,

Todo problema com amor cancela.

Seus gostos são muito diferentes.

Ela gosta dele e ele gosta dela.

CHEIA DE ARTE VAZIA

Cheguei no Rijksmuseum. Que maravilha, adoro viajar, adoro Amsterdã e adoro Artes. A pintura holandesa sempre me tocou. Aquelas sombras perfeitas e o brilho reluzente deixam tudo tão real. Passei algumas horas ali, me maravilhando com cada detalhe. Uma pena que devido ao meu desconhecimento da língua holandesa eu não tenha podido ler muita coisa das explicações.

Caminhei mais um pouco e entrei na última sala do Museu. Era uma sala toda Branca. Paredes Brancas, chão branco, teto branco. Nenhuma placa, nenhuma instrução. Eu já tinha ouvido falar sobre aquilo, mas nunca tinha visto. Um espaço minimalista! Nunca ia imaginar o que o Rijksmuseum tivesse algo de Arte Contemporânea. Me maravilhei. Sentei ali no chão e tentei sentir a presença do vazio.

Escutei o silêncio e meditei naquela sala de paz. Assim deveriam se sentir os praticantes do budismo ao chegarem no estado de nirvana. O nada, o branco e a simplicidade unidos naquele espaço e ao mesmo tempo dentro de mim. Depois daquela experiência única, eu precisava saber mais sobre o assunto. Caminhei até o senhor que estava cuidado do jardim ao lado e perguntei qual era o nome daquela instalação. Ele abriu um sorriso e me disse:

-Sala em manutenção.

TOWER OF LONDON

Minha mãe me olhou da cabeça aos pés e disse:

Você vai sentir frio.

Eu respondi:

-Claro que não.

E lá estava eu, as 11 da manhã, tremendo na porta da Torre de Londres. A chuvinha fina não ajudava muito. Tentei disfarçar minha agonia da morte ao máximo, mas quando minha mãe olhou pra mim, eu tenho a impressão que saiam lágrimas dos meus olhos. Ela perguntou:

-Tá com frio?

Dei um sorrisinho e disse que estava com um pouco de frio sim. Quando achei que o meu cérebro tinha congelado por causa do vento que entrava pelo nariz, eu vi a lojinha de conveniência. Uhu! Aquecedor.

Entrei na lojinha pensando: vou comprar qualquer coisa que encontrar pra justificar o tempo aqui. Caminhei, analisando os produtos. Chocolate com a cara da Rainha: 6 Euros. Lápis da Rainha: 10 Euros. Prato com o Casal Real: 12 Euros. Meus Deus, qual é a coisa que esse povo tem com essa família.

Depois de algum tempo na loja (mais de 40 minutos, o tempo certo para eu

voltar a sentir meus dedinhos do pé) eu dei de cara com ele. Azul Marinho, tamanho P Masculino, com capuz. O moletom mais legal que eu já tinha visto. Na verdade, ele era um moletom simples escrito Tower of London, mas Coca-Cola no deserto, ou melhor, moletom em uma temperatura abaixo de zero é tesouro. Peguei a etiqueta e pra minha surpresa: 32 euros. Eu usei minha capacidade matemática e calculei: três vezes quatorze, dividido por cem, mais quatro, menos zero ponto cinco.. hm... acho que isso custa 90 reais.

O casaco era 90 reais e nem tinha a cara da Rainha Elizabeth estampada em ouro na frente dele. Minha mãe, que estava genuinamente fazendo compras de valiosos artigos turísticos, viu a minha cara de vira-lata quando vê um frango assando e me deu o casaco de presente.

Eu não parei de sentir frio, porque realmente estava muito desagasalhada. Mas me senti muito mais confortável. Como um abraço amigo. E sempre foi assim. Meu moletom, que quando engordo esconde minha barriga. Ele, que quando choro compulsivamente, limpa as minhas melecãs. Ele, que com seu capuz protege meu cabelo da chuva. Ele, que me deixa confortável e me deixa ser eu mesma.

Quando viajo, viajo com ele e quando estou longe de casa, naqueles dias de chuva, me lembro de Londres, da minha família junta, e de todas as vezes que meu casaquinho me protegeu. Mesmo agora, que ele está um pouco pequeno e desbotado ele está aqui me abraçando um abraço forte.

666 TOWER OF LONDON

his was the
lthough
ed in the
the site

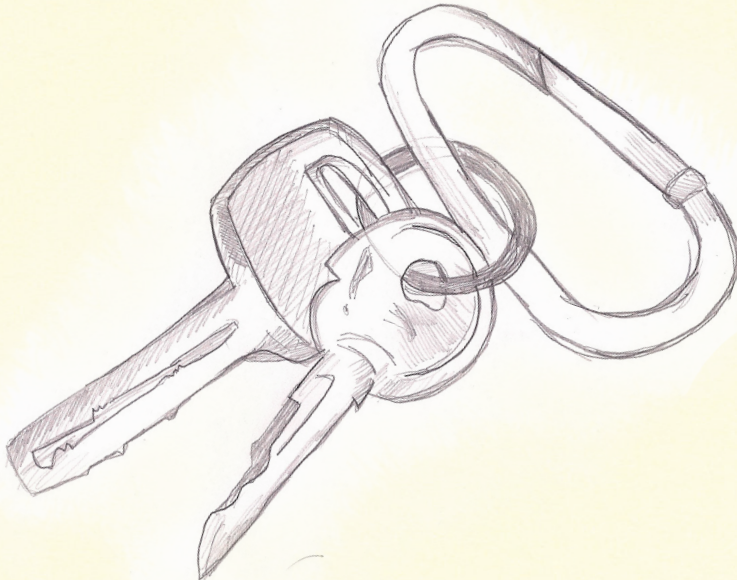
hit London in two years
ndful of people across
's shop in Pudding
by the Monument

ere
rst
ould
as fr
n en
ep to

gh the wooden buildings of the city.
alarm – the Lord Mayor said ‘a won
but it soon became obvious that
ic scale. Samuel Pepys’ diaries rece
ire above a mile long . . . it made

CADÊ

Todos procuram algo. Alguns amor, outros dinheiro .
Fazem da vida uma saga, dormem de olhos abertos.
Eu também ando buscando. A chave do meu carro
Que insiste em sumir quando eu estou mais que atrasada
Que é roubada pelos duendes sacanas
E escondida nos lugares mais improváveis.
Dentro da geladeira, atrás da estante, em baixo da cama.
De manhã, ela estava na ignição. Agora, eu já não sei.



TEMPO MANO VELHO

Eu nunca vou comer tomate!
Eu nunca vou querer ganhar roupas de aniversário.
Eu nunca vou beijar uma menina.
Eu nunca vou gostar de matemática.
Eu nunca vou ser bonito.
Eu nunca vou escutar MPB.
Eu nunca vou estar em casa.
Eu nunca mais vou beber!
Eu nunca vou conhecer ninguém.
Eu nunca vou deixar de amá-la.

Eu nunca vou trabalhar.
Eu nunca vou entender de Artes.
Eu nunca vou casar.
Eu nunca vou ter filhos.
Eu nunca vou ver meus filhos irem pra longe.

Eu nunca vou ser avô e rir com os meus netinhos.
Eu nunca vou deixar nada acontecer com ela.
Eu nunca vou deixar ela partir.
Eu nunca mais serei completo.
Eu nunca vou estar preparado.
Eu nunca percebi o tempo passar.
Eu nunca pensei que aceitaria
Eu nunca senti tanta paz.

Eu nunca fui tão agradecido por viver.



“O essencial pode ser invisível aos olhos, mas às vezes temos
usar óculos com visão de Raio-X”

Eu, Fernanda Mujica

SKETCHLIFE: RASCUNHOS RABISCOS E SONHOS

Fernanda Mujica Pedrosa

Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação

Departamento de Audiovisual e Publicidade,

2/2011 Orientação: Dra. Selma Oliveira

RESUMO:

Esse trabalho é uma análise em formato de memorial descritivo do processo de produção do produto gráfico Sketchlife: Rascunhos Rabiscos e Sonhos. Nele são discutidos os conceitos de Devaneio, Publicidade como Arte e o Processo Criativo. Levanta-se a importância de todo profissional que trabalha com Comunicação e criatividade manter um projeto pessoal, independente de formato, para gerar um banco de idéias, exercitar a mente e se autoconhecer.

PALAVRAS CHAVES:

Comunicação, Artes, Publicidade, Projeto pessoal, Livro, Criatividade, Sketchbook, Ilustração.



COMO COMECEI

O ser humano se alimenta de vida através das relações. Essas podem se dar entre objetos, pessoas ou memórias. Abrimos os olhos de manhã e, desesperadamente, buscamos motivos para levantar-nos e continuarmos o dia. Um namorado novo, um vestido bonito ou, simplesmente, o almoço do dia podem ser razões para um dia inspirado.

Eu, na condição de menina-mulher-ser-humano-jovem, não fujo de nenhum desses padrões de comportamento. Sempre gostei muito de ler sobre a vida, começando sobre as coisas mais simples que ela oferece como respirar ou mover-se, até chegar nas coisas mais complexas como um coração esquartejado ou a liberdade do Ser.

Nos dias de mais inspiração, sentava e escrevia todos os meus pensamentos sobre um assunto qualquer, uma espécie de livro, de diário ou os dois. Quando não escrevia, desenhava. Minha personalidade elétrica e inquieta fazem as minhas mãos riscarem qualquer coisa que esteja na minha frente. Qualquer objeto inocente (ou nem tanto) pode ser a vítima da vez.

Tudo isso sempre me pareceu muito natural, muito mais uma forma de me sentir melhor do que algo que poderia ser transformado. Foi então que, em uma livraria, enquanto buscava algo novo, me deparei com o livro *Thx, Thx, Thx* da autora Leah Dieterich. O livro era, na verdade, composto cartinhas nas quais ela agradecia todas as coisas de sua vida, as boas e as ruins, afinal de contas, todas elas serviram para construir a pessoa que ela era. No final, tinha

uma carta em branco. Leah Dieterichte convidava a fazer o mesmo, agradecer pela vida como ela é. Achei aquilo brilhante, escrevi o bilhete e me senti realizada. Busquei um pouco mais e descobri que autora era publicitária, redatora. Aquilo me fez pensar sobre o meu projeto final.

Pensei em todo o material que tinha e me perguntei porque não, transformar essas observações, idéias e anseios em um livro? Considero tudo isso interessante demais para ser ignorado. Me pergunto se existem pessoas que como eu, sentem a necessidade de questionar, ou até mesmo botar pra fora o que pensam nas formas mais belas de comunicação: a escrita e o desenho.

Optei então para o meu projeto final de conclusão de curso, fazer algo que fosse a minha cara, ou melhor, a minha mente. Um livro visual e ao mesmo tempo para leitura no qual eu vou juntar textos, pensamentos, poesias, imagens, recortes, desenhos e tudo que for importante para a construção de associações com um sentimento, ou uma relação. Uma espécie de Sketchbook, Brainstorm e diário feito com uma linguagem poética e as vezes nada poética, mas tudo muito sincero.

Acho muito interessante que as pessoas percebam seus defeitos, qualidades e possam compartilhar isso buscando uma forma de identificação no leitor. Assim, é Possível trabalhar o interno, o externo e ainda terminar com uma produção artística interessante.

Enquanto escrevo provavelmente vou encontrar muitas pessoas que vão pensar que sou a desocupada, a sem job, a louca das artes, mas com

certeza também vão encontrar aqueles que vão perceber o valor do sentimento, da delicadeza (ou da falta dela) e do devaneio como ócio criativo.

O meu desejo, então, com esse projeto é, primeiramente, o mais simples: entreter e divertir os leitores. Em segundo lugar buscar com que o leitor se reconheça nos textos momentos de sua própria vida. Nada melhor que escutar um: “é meeeesmo, isso já aconteceu comigo”. O terceiro lugar é chamar a atenção para a reflexão sobre as questões da vida: um objeto, uma idade, uma fase, um amor.

Uma outra expectativa é estimular as pessoas a escreverem, desenharem e botarem pra fora o que sentem e pensam. Eu li um livro uma vez: Comer rezar e Amar. Nunca um Best-Seller mudou tanto a minha vida. A protagonista, nos dias de desespero sem fim, escrevia no seu caderninho suas agonias e depois respondia. Era uma conversa com ela mesmo. Ela se sentia mais calma, confortada e feliz depois disso. Apesar da sua profissão de escritora, alí, ela não escrevia para milhares de leitores, nem pra poucos leitores, nem pra mãe dela. Ela escrevia para ela e os objetivos eram a libertação e o entendimento.

Espero então que esse trabalho possa contribuir com todos esses pontos além de contribuir para a minha leveza como Ser.

O MEU PROBLEMA

Uma vez enviei um email com a piada mais genial que eu já tinha feito pro grupo de emails do trabalho. Dois segundos depois recebi a seguinte resposta: Tá sem job é? Aquilo me deixou totalmente impressionada. Como assim sem job? Eu escrevi aquele texto em um *brainstorm* quando estava pensando em um conceito de campanha. A partir daí comecei a notar a quantidade de idéias e assuntos interessantes que eram jogados fora por serem considerados menos importantes que o produto final do projeto. Pensei em pessoas que tinham ideias e abraçavam aquilo com toda a sua vontade, que investiam em construir projetos pessoais dos quais eram para sempre orgulhosas. Me perguntei se eu seria alguém assim, capaz de produzir algo artístico e sintonizado com a minha pessoa.

A partir desse questionamento, percebi que isso era o que eu queria fazer. Motivada por todas essas questões, posso dizer então que meu problema de pesquisa pode ser resumido na seguinte pergunta: Como mostrar para as pessoas que deixar-se levar pela criatividade, riscar um papel, escrever um pensamento e principalmente compartilhar tudo isso, têm um valor grande tanto pessoal quanto profissional?

O Publicitário é aquele que sabe de tudo um pouco, aquele que tem uma percepção aguçada e a partir das coisas simples da vida, cria algo interessante e inovador. Esse pássaro livre não deveria ser preso em uma gaiola e sim incentivado a voar mais longe, e se isso não pode ser feito no trabalho devido a todas as demandas e restrições do cliente, porque não em um

PORQUE EU FIZ ISSO?

A vida é insuportável para quem não tem sempre a mão um entusiasmo.
Maurice Barrès, *Un Homme libre*.

Pesquisas atuais¹ mostraram que os jovens, hoje em dia, são os maiores formadores de opinião, aqueles que definem a sociedade como ela é. Esses jovens não são jovens quaisquer, são pessoas que lutam por seus direitos e buscam novas formas de expressão. São pessoas que buscam a sua voz e seu lugar no mundo, prontos a experimentação e cheios de opinião. Podemos ver o reflexo disso em muitos exemplos.

Os projetos que começaram em uma garagem, como a empresa americana Apple, nada mais foram o resultado de uma idéia ousada e muito trabalho. Posso citar também a tendência dos blogs de sucesso nos quais o blogueiro escolhe um tema e conquista milhões de leitores assíduos que querem escutar o que ele tem a dizer, e mais que isso opinar. Além dos blogs temos as redes sociais: Twitter, Facebook, Orkut, Myspace, que são meios nos quais as pessoas tem liberdade para registrar seus pensamentos, idéias, atividades, enfim, suas vidas. Os novos estilos musicais que incorporam os mais antigos e ainda acrescentam algo de novo também são produtos dessa criatividade latente. Ainda podemos observar as manifestações da Arte Contemporânea que mostram, denunciam, chocam, gritam e nos contam histórias

1 Pesquisa feita em 2010 pela empresa ABOX1824 (especializada em tendências de mercado)

das formas mais variadas possíveis. Em todos esses casos observamos uma nova forma de conversa entre o ser e o mundo, uma troca de informação universal.

Nesse contexto vemos a importância da Comunicação como algo que vai além dos estudos meios ou da Publicidade como ferramenta de vendas. Existem muitos tipos de Comunicação e dentro desses, a intrapessoal, (comunicação da pessoa consigo mesma) e a interpessoal (troca de informações entre duas ou mais pessoas). Como Comunicólogos temos que aprender a trabalhar com esses dois lados e perceber aonde eles se tocam e se separam e o que esse encontro pode gerar.

O meu livro seria um ponto em comum entre esse dois tópicos, uma forma de sugerir a expressão independente sem um objetivo maior, uma expressão sincera e poética. Algo que as pessoas se identifiquem e se sintam acolhidas, ou pelo menos alegres. O produzir pelo prazer da alma.

Diferente de trabalhos que abordam o lazer e o jogo ou até mesmo o prazer no trabalho em um sentido psicológico, mas diferente disso, esse livro é um incentivo aos criativos a terem projetos pessoais e se expressarem sem medo. A comunicação como forma de autoconhecimento, sem interesse nem ambições maiores.

QUERIA TANTO

Quando o professor Robert Morton, Chefe de departamento de Artes do e Plymouth State College, sugeriu seu desafio anual² no qual os estudantes deveriam manter um caderno de rascunhos (sketchbook), muitos deles consideraram um exercício complicado e alguns até mesmo um ato egoísta, mas no final do projeto, Morton se deparou com comentários como o seguinte: “Doodling, to me, is the best way to get my frustrations out. I can tell by my drawings if I was in a good or bad mod The penal marks on a piece of paper say something. And if you can read what it says, then you can get many of your thoughts and ideas from your old sketches, and make new ones.”³

O objetivo principal do meu produto final é inspirar as pessoas para que elas comecem seus próprios projetos pessoais como forma de libertação e reflexão sobre a vida. Acredito que essa experiência produz uma base de idéias que pode ser o começo de muitos outros projetos pessoais e profissionais.

Não quero escrever esse livro esperando que seja o mais vendido, ou

2 Morton, Robert. The Drawing Sketchbook Revisited. Writing Across the Curriculum, Vol. 11, August 1990

3 Rabiscar, para mim, é a melhor maneira de aliviar as minhas frustrações. Eu posso dizer pelos meus desenhos se eu estava em um bom ou mal humor. As marcas da tinta em uma folha de papel dizem algo e se você souber ler o que diz, você consegue tirar muitos pensamentos e idéias do seus rascunhos originais e criar coisas novas.

que seja o mais bonito, ou o mais interessante, quero escrever pelo simples fato de estimular a minha mente e ao mesmo tempo inspirar as pessoas a minha volta para que façam o mesmo: Abraçar seus devaneios, assumir seus pensamentos mais loucos, suas histórias mais interessantes e transformar aquilo em algo material que possa ser compartilhado.

Traçando o ponto em comum entre a Comunicação e as Artes e assumindo o Homem Comum como criativo (incluindo nesse Homem, o Publicitário) pretendo buscar um caminho de unir esses dois Campos de Estudo em um material que seja artístico, mas que comunique algo que tenha valor tanto pra mim quanto para o leitor.



DESENHO DADO COMO EXEMPLO PARA OS ALUNOS DO PROFESSOR ROBERT MORTON.

EU EXPLICO

Estamos vivendo em um período especial no qual o Ser e o Ter estão intimamente conectados. A cultura não é somente ditada por uma Elite, agora o Homem Comum também é um produtor. As novas tecnologias permitem que qualquer um possa produzir conteúdo e, mais que isso, divulga-lo. Essa é a época na qual estamos focados na cultura ordinária e na criatividade das pessoas comuns que rejeitam o previsível com a leveza do lúdico.⁴

Nesse contexto, podemos observar como o consumo ganha destaque. O homem passa a manter relacionamentos com os objetos, que são muitas vezes, a materialização do subjetivo (sonhos, desejos, promessas). *“Nossa relação com nossas posses nunca é direta. é uma mescla complexa de ciência e inocência. Os objetos estão longe de serem inocentes como sugeriu Berner, e é isso que os torna interessante demais para serem ignorados”* (SUDJIC, 2010: pg 9). Além do aspecto pessoal interno, Esses objetos moldam a maneira na qual nos relacionamos, como comemos, como nos sentamos, como olhamos uns para os outros.

Isso se reflete diretamente no papel da Publicidade na sociedade e em como é a figura do novo Publicitário. Antes o que era papel das Artes: *“A arte tem representado desde a Pré História um papel fundamental do ser humano atividade que, ao produzir objetos e suscitar certos estados psíquicos no recep-*

4 Certeau, Michel. A invenção do Cotidiano. Editora Vozes, SP, 2001.

tor não esgota absolutamente o seu sentido nessas operações” (BOSI 2008: pg 8), foi dividido em diversos campos de pesquisa entre eles a Comunicação e dentro dela, a Publicidade que passa a manifestar suas influências nas ações e ideologias que transcendem as instâncias do consumo.

A Publicidade e as Artes não são a mesma coisa, porém *“as misturas entre comunicações e Artes se adensam, tornando suas fronteiras permeáveis”* (SANTAELLA, 2008: pg 14). São dois conjuntos no qual as fronteiras não são fechadas e muitas vezes se tocam e trocam conteúdo. Para a linha de raciocínio desenvolvida nesse projeto é importante definir esse paralelo.

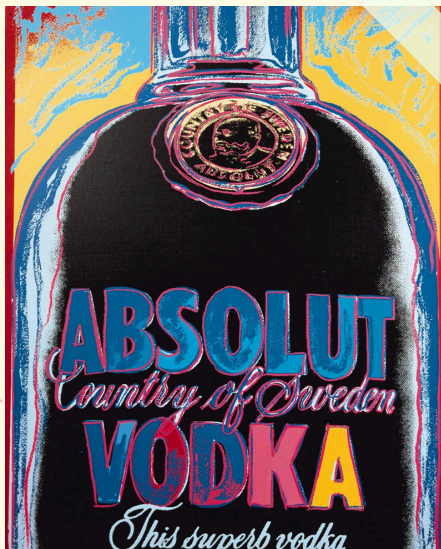
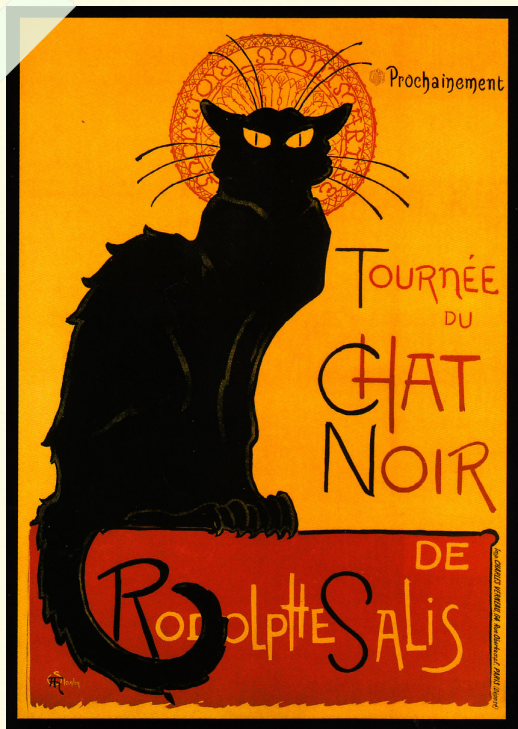
*Para muitos, a Comunicação identifica-se exclusivamente com como comunicação de massas, enquanto as Artes se restringem ao universo das Belas Artes. Se nos limitarmos a essas visões parciais tanto da comunicação quanto da Arte, a pergunta sobre as possíveis convergências de ambas não faz sentido.*⁵

Os encontros dos dois campos vem desde o uso da Publicidade pelas Artes, passando pelo uso das Artes pela Publicidade até chegar na Publicidade como Arte. Artistas consagrados como Toulouse-Lautrec e Malevich emprestaram seus traçados e técnicas para anúncios, posters e outros materiais característicos da Publicidade. Podemos observar isso no famoso poster “Le chat Noir” e nos cartazes Stalinistas da época do Socialismo Soviético.

Alguns outros, como Andy Wahrol, chegavam ao extremo dessa jun-

5. Santaella, Lúcia. Porque as comunicações e Artes estão convergindo. 2008: 7, Editora Paulus, São Paulo.

ção de Saberes. Warhol, além de participar de comerciais e fazer trabalhos encomendados por Agências (campanha imprensa para a Vodka Absolut), usava materiais como embalagens, marcas em rótulos e notícias como base para suas serigrafias. “... a partir da pop art, as artes plásticas passam a absorver elementos formais do universo publicitário, levando seus signos para galerias e museus, mesclando as fronteiras entre a cultura erudita e a de massa.” (Tosin, 2010 apud Ramos, 1995: pg 227).



O POSTER LE CHAT NOIR DE TOULOUSE-LAUTREC E O ANÚNCIO DESENVILVIDO POR ANDY WAHROL PARA A CAMPANHA DA VODKA ABSOLUT.

Podemos então comentar um sincronismo entre as Artes e a Publicidade pensando também que a Publicidade tem a capacidade de refletir sobre si mesma, assim como as Artes. Segundo Jorge Maranhão (A Arte da Publicidade, 1988), no objetivo de qualificar um objeto anunciado, de argumentar a venda de maneira irrefutável, de se criar uma imagem da marca, haverá sempre arte, uma vez que a arte é, antes de tudo, também uma retórica sobre a própria arte.

Agora que esses pontos em comum foram traçados, é possível perceber que o exercício criativo, não é algo exclusivo do universo artístico e podemos pensar no profissional de Comunicação, e em especial o Publicitário, também como produtor de cultura, ideias e valores. Se consideramos o fato de que a subjetividade encontra-se presente em cada campanha (O que é vendido não é o objeto em si e sim uma projeção de uma ideia: felicidade, paz, luxo...), e que para alcançar os resultados, o Publicitário deve experimentar todos os tipos de linguagens e materiais, podemos entender o papel essencial do Pensar nesse processo.

Essa figura criativa descrita é um ser sensível. Sua existência e o contato com o mundo são capazes de gerar percepções que vão ser expressadas de diferentes formas. Bachelard afirma que “*Todos os sentidos despertam e se harmonizam no devaneio poético. É essa polifonia dos sentidos que o devaneio poético escuta e a consciência poética deve registrar.*” (1988: pg 6). Segundo o autor, o que é material tem a capacidade de provocar emoções, tornando o ser sensível. Nesse processo ele dá forma ao seu próprio existir, capturado-o e configurado-o.

O devaneio constrói-se com encantos e interesses. Vive deles, sempre desperto pelas imagens. Imagens algumas das quais se transformam em imagens centrais e irradiantes: “De repente uma imagem se instala no centro do nosso ser imaginante. Ela nos retém, nos fixa. Infunde-nos o ser. O cogito é conquistado por um objeto do mundo, um objeto que por si só representa o mundo. O detalhe imaginado é uma ponta aguda que penetra o sonhador suscitando nele uma meditação concreta.”⁶

O devaneio descrito por Bachelard poderia, então, ser analisado como parte do processo criativo. Podemos pensar que no Ser encontram-se vazios que vão ser preenchidos através de uma percepção sensível do mundo podendo gerar o estado de devaneio, também conhecido como o sonhar acordado. Nessa etapa na qual existe uma fuga do real e a consciência se distende, as ideias chegam e acontece o que podemos chamar de momento do insight.

Essa sensibilidade e a capacidade de observar o que está ao seu redor nada mais é que um exercício, no qual desenvolvemos nossas habilidades mentais e conseqüentemente a Criatividade. Já se sabe que a Criatividade não é um dom divino, como se acreditava antigamente, e que todas as pessoas são criativas em níveis diferentes. “*Todo ser humano apresenta um certo grau de habilidades criativas, e essas habilidades podem ser treinadas e aprimoradas por meio da prática.*” (ALENCAR, FLEITH 1986). Ou seja, para chegar a um nível considerado alto de Criatividade seria necessário muito tre-

6 Bachelard, Gaston. A poética do devaneio, 1988: pg 145, Martins Fontes, São Paulo.

ino. Já que ela é como um músculo, quanto mais exercitada, mais forte será. A quantidade gera qualidade. Mas o que seria esse treino?

A capacidade de jogar com ideias e o humor, a curiosidade, o exercício de estruturar pensamentos são formas de estar sempre produzindo criativamente. A forma como lidamos com o mundo, como registramos e como processamos, afeta diretamente a nossa personalidade. Podemos dizer assim, que o fato do Ser estar em uma inércia de movimento criativo influencia diretamente em quem ele é, seja como pessoa ou como profissional.

Muitas vezes, por motivos de lógica de mercado, o Comunicador deve adequar o conteúdo, a linguagem e a escolha do meio para que tudo tenha pertinência e atinja o objetivo principal: vender. Muita embora a modelagem de uma ideia seja um exercício criativo pesado, também é algo que pode se tornar muito mecânico. O profissional chega a se sentir desanimado ou preso a uma fórmula, sempre buscando o resultado final. No processo da criação publicitária, muitas ideias boas são jogadas fora por questões de adequação. Aquelas sementinhas com potencial para se tornarem grandes árvores são podadas, sem dó. Esse material que é tão valioso quanto uma campanha de sucesso poderia ser usado em algo além do ambiente do trabalho. Algo executado sem objetivo comercial, mas também sem impedimentos em ser comercializado.

Todos deveríamos manter esse escape das complicações do mundo. Um projeto pessoal no qual existe uma dedicação, mas sem muito compromisso. Italo Calvino, no seu livro Seis propostas para o próximo milênio (

(COMPANHIA DAS LETRAS, 1990) preparou para a Universidade de Harvard um texto que continha o que ele considerava as seis qualidades que importariam no futuro. Leveza, Rapidez, Exatidão, Visibilidade, Multicplidade e Consistência (a última nunca foi escrita devido ao falecimento do autor) estariam presentes na Literatura e nas Artes em geral. Podemos tomar emprestados esses ensinamentos e assumir que através de um projeto pessoal, independente do seu formato, é possível trabalhar (mesmo que inconscientemente) todos esses tópicos trazendo-os, depois de algum tempo, com naturalidade para questões do cotidiano.

Calvino fala sobre a leveza como o despojamento da linguagem, abstração e criação de imagens com valores emblemáticos. Segundo ele, buscaríamos a leveza em reação ao modo pesado que vivemos. Esse desabafo artístico proposto aqui não seria uma exercício contra a gravidade? Algo que no final, pela prática, nos capacitasse para fazer da linguagem um elemento sem peso?

Em relação a Rapidez são expostos fatores ligados a relatividade do tempo. Quando contamos uma história, escolhemos as intensidades dos momentos representados. As histórias contadas nesse projeto, nada mais são que fragmentos da vida e momentos escolhidos por terem alguma relevância. Todas são contadas ou representadas, no caso das ilustrações, por ritmos muito pessoais. “*A propriedade estilística exige rapidez e adaptação, uma agilidade da expressão e do pensamento.*” (CALVINO, 1990: pg 53).

O terceiro ponto que o autor desenvolve é a Exatidão. Como traduzir

pensamentos e imagens para algo nítido? O trabalho de reflexão e seleção de ideias é um processo no qual se necessita essa habilidade. O mundo nos chega de maneira inconsistente e ao trabalhar esse cotidiano, estamos organizando e buscando uma forma que seja a mais exata possível, sem ser necessariamente uma exatidão matemática. O próprio Calvino ao escrever seus livros interage assim:

Na verdade, minha escrita sempre se defrontou com duas estradas divergentes que correspondem a dois tipos diversos de conhecimento: uma que se move no espaço mental de uma racionalidade desincorporada, em que se podem traçar linhas que conjungam pontos (...) outra que se move em um espaço repleto de objetos e busca criar um equivalente verbal daquele espaço enchendo a página com palavras”⁷

Ao inserir o tema da Visibilidade, Calvino fala sobre uma chuva de imagens que ocorre quando estamos criando. Quando escrevemos, visualizamos uma espécie de cinema mental que tentamos transmitir ao leitor através de palavras. Essas imagens tem origem nas epifanias ou concentrações do Ser num determinado instante e são elas o produto principal para a elaboração de um trabalho criativo. Como mencionado anteriormente o autor vai ter a escolha entre essas várias imagens que “chovem” em sua mente. Essa escolha e representação fariam parte do exercício proposto em um projeto pessoal *“Da magia renascentista de origem neoplatônica é que parte a idéia da imaginação como comunicação com a alma do mundo”* (CALVINO, 1990:

7 Calvino, Ítalo. Seis propostas para o próximo milênio, 1990: pg 88. Companhia das Letras, São Paulo.

pg 102).

No último elemento discutido no livro, argumentos interessantes são levantados, argumentos que nos fazem entender as possibilidades que um simples projeto podem alcançar. A Multiplicidade seria algo que todo escritor deveria considerar. Alguns grandes nomes como Proust, escreviam romances tão densos e cheio de visões que Calvino os considera enciclopédicos. Relações, atos e possibilidades diferentes apresentadas em diferentes formatos e muitas vezes tendo seu personagem principal como diferentes personalidades seriam a busca de uma verdade própria. Essa é a Idéia principal do que tem sido apresentado até agora: a busca por si e o treinamento de suas habilidades e a reorganização pessoal através da literatura, das Artes ou de outro estilo que seja mais adequado. Como Calvino finaliza seu texto: *“O que é cada um de nós senão uma coibinatória de experiências de informações, de leituras, de imaginações?” Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis.*” (1990: pg 138)

Se considerarmos a ideia de reorganização dessas experiências de vida em uma atividade com caráter de descarga de ideias, que além de contribuir com a leveza do Ser, seria uma fonte de inspiração, podemos pensar em muitos formatos possíveis. Um romance, uma pintura, músicas, poemas, quadrinhos, entre outros. O material criativo que foi produzido durante esse tempo praticamente nomeou o formato que merecia. Não era uma exposição, já que era algo intimista e sem pretensões grandes. Não era um formato Audiovisual, já que a questão do papel, da escrita, do lápis estavam extrema-

mente envolvidas. Definitivamente não era nada tecnológico, prezando sempre pelo tátil, pelo pessoal e pela simplicidade. Aquele trabalho pedia um formato que acompanhasse a autora no seu dia-a-dia, no qual as anotações fossem feitas sem muita podagem. Muitos artistas em seus momentos de inspiração e pesquisa, como Van Gogh, Picasso, e Hemingway já usavam o caderno de anotações, mais conhecido como sketchbook, para registrar suas idéias. Nada mais justo que o uso dessa ferramenta criativa nesse projeto pessoal.

Os pensamentos nos chegam de inesperadamente e precisam ser trabalhos e expostos em diferentes possibilidades para que adquiram uma forma concreta. Para aprimorar esse processo criativo é interessante rascunhar, riscar e anotar. A forma orgânica que o sketchbook oferece além de abrigar todos esses embriões de ideias, cria uma relação muito pessoal entre o autor e o trabalho. A página Web da marca mais famosa de Sketchbooks, a Moleskine⁸, diz que seus produtos ajudam a definir que somos, aonde estivermos. É exatamente esse o motivo da escolha de formato.

Nesse caso em especial, esse formato foi eleito. Porém, é importante reforçar que o que está sendo apresentado é a proposta de um profissional que trabalha com a criatividade desenvolver um projeto pessoal e registrar seus pensamentos, em desenhos, textos, esculturas, músicas ou outro meio qualquer. O importante é praticar, se expressar e se possível compartilhar. A forma é somente uma consequência da necessidade de se comunicar.

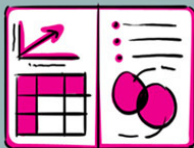
8 Disponível em <www.moleskine.com>. Acesso em: 09 outubro 2011

MOLESKINE ROUNDUP

PART 1

WHAT SORT OF MOLESKINEUR ARE YOU?

FORMAL



HIERARCHY! STRUCTURE!

FreeFORM



UNCONSTRAINED

COLLAGER



PILE o' CRAP

SELF-ACTUALIZED



GOALS, SCHEDULES

SELF-REFERENTIAL



DRAWs MOLESKINES

SELF-DEFEATING



OTHER PEOPLE'S ART

DIY: CHEAP



HOMEMADE KNOCKOFF

DIY: PURIST



HAND-STITCHED REPLICA

DIY: HACKER



Too MUCH FREE TIME

LUNCHBREATH

MOLESKINE ROUNDUP

WHAT SORT OF MOLESKINNEUR ARE YOU?

PART 2

LAZY



STILL IN WRAPPER

OVERPREPARED



12 NEW PADS WAITING

PRACTICAL



LEVELS TABLES

IMAGE CONSCIOUS



DRAWS ON COVER

DEFENSIVE



KILLS ROACHES

JET-SETTER



PACKS CASH+CONDOMS

ACTIVIST



DRAWS AROUND LAPTOPS

OPPORTUNIST



DRAWS AROUND LADIES

DELUSIONAL



INTIMIDATES BULLIES

LUNCHBREATH

O QUE FOI QUE EU FIZ?

Nos meus últimos semestres na universidade, criei o hábito de manter um caderno de anotações sempre ao lado. No meu sketchbook eu fazia anotações, desenhava, copiava textos e anotava todas aquelas ideias que chegavam sem aviso. Depois de algum tempo fazendo esses registros, percebi que além de apurar minha sensibilidade, estava mais organizada e me sentia mais motivada no dia-a-dia.

Esse foi o ponto de partida para começar esse trabalho. Eu queria dar continuidade ao meu caderno e mais que isso, eu queria transformá-lo em um projeto. Primeiramente comecei uma busca por referências de projetos pessoais. Apesar de sempre estar consumindo produtos culturais não tinha o hábito de me perguntar sobre o processo de criação e quais seriam as motivações do autor. Com o objetivo de aprofundar esses pensamentos fiz diversas buscas em livrarias (aonde buscava projetos atuais), feiras de livros (para buscar materiais mais antigos), museus (buscando referências nas Artes Visuais e principalmente na parte conceitual) e sites de referência artística (como o ffffound.com, por exemplo). Encontrei diversos projetos nos quais me interessei. Budhi Oser ia nas ruas e buscava placas para colar a palavra FUCK nelas, alterando seu significado. Os resultados eram mensagens do tipo: FUCK RIGHT, SLOW GOLFERS FUCKING, DO NOT FUCK... Já Daren Di Lieto criou um projeto chamado Mail me Art, no qual ele mantinha uma caixa postal e artistas do mundo mundo enviavam postais home-made. Esses postais reunidos viraram um livro.

Já no campo online encontrei referências interessantes como o blog PostSecret. Lá, o leitor poderia postar anonimamente ilustrações e textos que revelavam seus maiores segredos. Encontrei mensagens como: “Eu escolho meus melhores amigos baseado em se eles me ajudariam ou não a enterrar um corpo”.

Em relação a Artistas Plásticos, eu posso dizer que toda a minha vida foi uma busca para esse projeto. Desenvolvi um mapa mental de todos os artistas que conhecia, quais eram os trabalhos mais conceituais e o que eu poderia aprender deles. Artistas como Cildo Meireles, Nuno Ramos, Nelson Leirner, Andy Wahrol e Emily Hirsch me inspiraram para pensar a relação da Arte com a Publicidade e como seria o processo de criação desses criativos.

Depois de reunir toda essa informação, já estava convencida que um sonho ou um rascunho poderia tomar forma e se tornar algo com uma escala mundial. A ideia de um indivíduo se concretizava e os projetos que antes eram pessoais se tornavam um trabalho compartilhado. Eu precisava, então, justificar o meu trabalho e mostrar quais as transformações que ele tinha causado na minha vida. Comecei a pensar sobre meu caderno e como eu me relacionava com aquela linguagem. Como meu tempo era curto e meus momentos criativos eram entre um compromisso e outro, aquele formato era perfeito. Eu podia observar situações cotidianas e fazer meus rascunhos sem a necessidade de ligar um computador ou carregar tintas diferentes. Comecei então a reforçar meus rascunhos. Escrevia algo que me aconteceu do dia, ou algo que me incomodou. Algumas vezes escutava diálogos, ou via filme e a partir daquele contexto criava uma situação fictícia. O mesmo era válido para

os desenhos. Quando chegava aquela imagem na minha cabeça traçava algo no papel. No começo não me preocupei com a relação de imagem e desenho. Alguns eram uma dupla outros não tinham conexão (pelo menos não uma fácil de identificar, porque no meu inconsciente tudo fazia sentido). Esse processo durou mais de seis meses e foram diversos cadernos, folhas, lápis, etc.

Guardei todo aquele material e comecei uma pesquisa gráfica. Eu ia continuar com o formato de sketchbook porque me sentia confortável com ele, e achei que seria mais consistente não mudar tanto os originais do que eu tinha. Eu poderia costurar tudo e montar meu caderninho caseiro, mas como cada ilustração tinha um tamanho e cada texto um tipo diferente de grafia (além de alguns estarem quase ilegíveis) era melhor montar um projeto gráfico, digitalizar as imagens, transcrever os textos e fazer um livro com características de sketchbook. Assim, o projeto seria mais compatível, além disso, eu iria aliar meus conhecimentos profissionais de Design Gráfico com o projeto pessoal.

Comecei tratando as imagens. Algumas precisavam de cor, outras de recorte e muitas já estavam prontas. Escolhi as fontes digitais já que a minha própria não seria tão legível. Para o texto corrido usei a fonte Folio. Essa fonte tem uma família extensa, que me permitia usar suas variações nas divisões do livro. Sua linha fina e seu alongamento davam características sensíveis ao conteúdo (observei que muitos dos meus textos eram poesias ou tinha caráter poético). Para os títulos usei uma fonte chamada Claire Hand porque foi a fonte encontrada que mais se parecia com a minha própria grafia.

A palheta de cores foi inspirada nas cores que mais me representam. O meu gosto pessoal foi inserido já que num sketchbook o autor tem livre escolha. Algumas imagens foram inseridas juntamente com textos outras separadas. Para fazer as composições, levei em conta se o texto e a imagem tinham sido feitos juntos ou não. Analisava se um dependia da outra ou se poderiam ser separadas. Observei diversos Sketchbooks tanto de pessoas famosas como os de Leonardo Da Vinci como de artistas comuns que compartilhavam seus trabalhos em redes como o Flickr ou Behance e partir daí organizei a parte visual do trabalho.

Em paralelo comecei a pesquisa teórica. Usei pensadores como Bachelard para estudar o devaneio e verificar sua importância. Para definir o homem comum e o processo de modificação na produção de cultura consultei o material de Michel de Certeau. Como precisava relacionar a Publicidade com Artes para dar sentido ao meu trabalho, busquei a autora Lúcia Santaella, tendo em vista que ela já tem uma grande produção sobre o assunto. Senti a necessidade também de buscar algo na psicologia. O livro sobre Criatividade das autoras Eunice Alencar e Denise Fletch me ajudou a entender o processo criativo como algo que poderia ser exercitado e deixar as crenças de que ele seria algo como um dom ou divino. Para finalizar me baseei nas belas palavras de Italo Calvino, grande escritor, dotado de um poder quase mágico com as palavras. Sua escrita leve e pura, sua simplicidade complexa eram algumas das coisas que sempre defendi e procurei trazer tanto para a minha produção artística, quanto para a minha vida. Essas leituras foram essenciais para me mostrar caminhos e conectar todos os pontos que muitas vezes não eram tão nítidos.

Para concretizar tanto o trabalho memorial quanto o produto final foi necessária a execução de uma pesquisa qualitativa, na qual analisei vários materiais de escritores, artistas, ilustradores e outros. Uma pesquisa gráfica para buscar todos os tipos de sketchbook que existiam e como era a relação do autor com o material. Também posso dizer que foi feita uma pesquisa experimental já que todos os dias eu buscava uma técnica diferente, na parte escrita e na ilustrada. Obviamente uma pesquisa bibliográfica também foi realizada buscando as bases que justificariam esse trabalho.



PROJETOS QUE GANHAM DESTAQUE COMO O MAIL ME ARTE, POSTSECRET E FUCK THIS BOOK.



SCHOOL PROPERTY
NO DOG FUCKING
VIOLATORS WILL
BE PROSECUTED

A MINHA LIÇÃO

Realizar esse trabalho mudou minha forma de pensar e a pessoa como sou. Uma afirmação tão forte é necessária para reforçar o ponto principal defendido tantas vezes aqui: um projeto pessoal é importante para o crescimento do criativo tanto como profissional quanto intrapessoal. Comecei o trabalho baseada no material que produzi durante algum tempo, mas para esse produto foi importante repensar a maneira na qual eu produzia. Primeiro eu tive que assumir os textos como algo autoral e mudar a linguagem para dar o caráter mais sincero possível, o que antes era contruído na segunda pessoa passou a ser elaborado sempre na primeira pessoa. Ao mesmo tempo tive que adaptar o trabalho para o formato de livro. Os textos e desenhos em sua forma original eram amontoados de papéis, cadernos e recortes.

A necessidade de um formato que tivesse unidade, coerência e legibilidade me levou a pensar em um projeto gráfico diferente do formato original. Passar por essa adaptação me fez concluir que se vamos nos comprometer com esse tipo de trabalho, temos que imprimir a nossa alma naquele projeto. Falar de sí sem podas ou restrições. Assim, o resultado final vem com um grau de auto-satisfação muito grande. Outro ponto percebido foi que quando passamos da esfera do pessoal e transformamos aquele trabalho em algo que será compartilhado é importante prestar atenção se o leitor vai captar a mensagem. Provavelmente vão ser necessárias algumas mudanças no projeto inicial. Podemos pensar em como algo que começou como um exercício mental e uma forma de combate à pressão do dia-a-dia passou para algo com

um valor comercial, e mais uma vez citar a sincronia entre as Artes e a Publicidade no momento do processo criativo.

Nesse momento, no qual estamos abertos a devaneios, lembranças e a imaginação, a mente viaja e o pensar, que era algo descomprometido, pode passar a ser algo produtivo também. Professores que trabalham com estudantes de Artes visuais, como o professor Robert Morton citado anteriormente, perceberam que depois de um trabalho intenso de diário gráfico os trabalhos dos alunos melhoravam criativamente. Os próprios alunos reconheceram que a tarefa havia aumentado a capacidade de *brainstorming* e que muitas idéias para outros projetos haviam sido baseadas nos rascunhos de seus caderninhos. Um estudante chegou a dizer que a atividade *sketching* o fez perceber qual era o seu método de trabalho e como ele lidava com a suas emoções. O professor só teve uma resposta negativa na qual era criticado o formato de caderninho. Sua resposta ao aluno foi simples e similar a uma das observações feitas nesse trabalho: “*In the absence of a sketchbook method that works for you, take what is offered. You are in good company with many of the greats of the art world.*”⁹ O aluno que não tinha uma atividade de prática criativa como essa, pelo menos passou a registrar seus pensamentos e criou um banco de ideias.

O crescimento criativo não foi observado somente no Campo Acadêmico. Algumas empresas que perceberam a importância de um espaço para o funcionário criar livremente. A Google, disponibiliza 20% do horário

⁹Na falta de um método de sketchbook que funcione para você, escolha o que foi oferecido. Você está na companhia de grandes nomes do mundo da Arte”.

de trabalho para que os funcionários pensem e desenvolvam novos trabalhos, não necessariamente associados com projetos da empresa. O Google News é o resultado dessa maneira de trabalhar. Um funcionário se incomodava de ter que abrir várias janelas no seu navegador para ler as notícias e para resolver esse problema criou uma maneira de poder visualisá-las todas no mesmo cyber-lugar.

Concordando com o professor Robert Morton, conclui que colecionar as etapas do meu processo criativo e estar sempre colocando no papel minhas referências, rascunhos, rabiscos e sonhos me ajudou a me entender melhor, entender como eu trabalho e abriu os meus pensamentos para algo mais abstrato e complexo. O formato, usado por tantos artistas que fizeram a diferença no universo das Artes, foi adequado e a adaptação feita com fins de compartilhamento foi extremamente necessária.

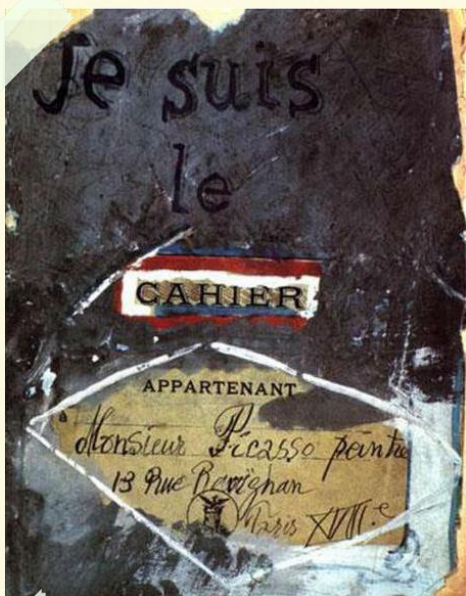
Espero que ao estar em contato o resultado final desse projeto, todos se sintam motivados a começar um projeto pessoal, não porque meu professor de Direção de Artes passou como trabalho de casa, mas por si mesmo. Somos comunicadores, que tal nos comunicarmos então?

Como disse Kandinsky em seu livro *Do espiritual na Arte* : “[Todos os procedimentos são sagrados quando interiormente necessários.](#)” (ed. DON QUIXOTE, 2010).

DIÁRIO GRÁFICO DA ARTISTA MEXICANA FRIDA KAHLO.



Niño mio - de la gran Ocotitlán
 En las seis de la mañana
 y los quajolotes cantan,
 Calor de humana ternura
 Soledad acompañada -
 Jamás, en toda la vida
 olvidaré ~~tu~~ presencia
 Me acogiste destrozada
~~me~~ me devoraste ~~esta~~ ^{esta} ~~ya~~
 en esta ~~tierra~~ ^{tierra} ~~que~~ ^{que} ~~ya~~
 donde podré ser ~~muerto~~
 itan momento ~~tan~~ ^{ya} ~~muerto~~
 ya no hay tiempo ~~no~~ ^{ya} ~~hay~~
 distancia Hay ya solo realidad
 lo que fue, ~~no~~ ^{no} ~~para~~ ^{para} ~~siempre~~
 lo que es, ~~no~~ ^{no} ~~para~~ ^{para} ~~siempre~~
 que ~~así~~ ^{así} ~~como~~ ^{como} ~~yo~~
 En árbol ~~fruta~~ ^{fruta} ~~de~~ ^{de} ~~fruta~~
 tus ~~frutas~~ ^{frutas} ~~dan~~ ^{dan} ~~su~~ ^{su} ~~color~~
 como ~~tus~~ ^{tus} ~~flores~~ ^{flores} ~~dan~~ ^{dan} ~~su~~ ^{su} ~~color~~
 creciendo con la ~~agua~~ ^{agua} ~~de~~



CADERNO DO FAMOSO PINTOR PABLO PICASSO E MOLESKINES DE DIVERSOS ARTISTAS.





DESENHOS E ANOTAÇÕES FEITOS PELA AUTORA DURANTE O PROCESSO.

REFENCIAL TEÓRICO

Para um projeto que envolveu a Comunicação, Artes e Design Gráfico foi necessário abordar os seguintes autores:

Santaella, Lúcia. Porque as comunicações e Artes estão convergindo. 2008, Editora Paulus, São Paulo.

Calvino, Ítalo. Seis propostas para o próximo milênio, 1990. Companhia das Letras, São Paulo.

Morton, Robert. The Drawing Sketchbook Revisited. Writing Across the Curriculum, Vol. 11, August 1990

Bachelard, Gaston. A poética do devaneio, 1988: pg 145, Martins Fontes, São Paulo.

Certeau, Michel. A invenção do Cotidiano. Editora Vozes, SP, 2001.

Alencar, Eunice e Fetch, Denise. Criatividade. 2003. Universidade de Brasília, Brasília.

Deyan, Sudjic. A linguagem das coisas, 2010. Intrínseca, São Paulo.

Tosin, Giuliano. Publicidade e Arte: Perspectivas para o Estudo de um Sincretismo Contemporâneo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS

DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. Anais...São Paulo: Intercom, 2006.

Também foram consultados os sites:

<www.moleskine.com> no dia 9 de outubro de 2011.

<www.lunchbreath.com> no dia 20 de outubro de 2011.

<www.fffound.com> entre os dias 15 de setembro até 20 de outubro.

“Todos os procedimentos são sagrados
quando interiormente necessários.”

Wassily Kandinsky

SKETCHLIFE

FERNANDA MUJICA